

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 793 · €1,90

Junho 2013

O Pastor

*O ministério pastoral
é a obra mais elevada
a que um mortal
pode aspirar!*



O significado do Sábado

Observando o Sábado reconhecemos Deus como nosso Criador.

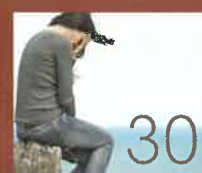
06



Estará Deus a chamar-te?

Deus precisa verdadeiramente de ti! Já pensaste nisso?

19



Como lidar com a depressão?

Coragem, a depressão pode ser vencida!

30

Revistas

para a
criança



para o
jovem



para a
família



Revista Adventista, Saúde&Lar,
Zona Y, Nosso Amiguinho

Informe-se já!

21 962 62 00

Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
Fax: 21 962 62 01



"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.


índice

TEOLOGIA




06
O Significado do Sábado
A origem do Sábado está diretamente relacionada com a obra de Deus como Criador de todas as coisas.

TESTEMUNHO



27
Dois livros, um simples pedido e uma vida transformada!
Ele não podia saber que a leitura de dois livros desconhecidos alteraria dramaticamente o seu percurso de vida.

PÁGINA DA CRIANÇA



34
Sonhar e realizar

EDITORIAL

04 O Pastor e a Sua Vocação

05 Memo

ARTIGO DE FUNDO

10 O Pastor

A figura do Pastor está profundamente enraizada na vida, na linguagem e na imagética bíblicas.

EVANGELISMO

14 Visitação pastoral: a nobre missão do Pastor

Pretendemos descobrir qual a importância e o propósito da visitação pastoral na Bíblia e nos escritos de Ellen White.

IGREJA

19 Estará Deus a chamar-te?

O ministério pastoral é a obra mais elevada a que um mortal pode aspirar.

INFORMAÇÃO

21 A Igreja tem necessidade de vós!

Não nos tornamos Pastores apenas pelo simples apelo divino; é necessária formação para servir.

22 Notícias Nacionais

- UPASD
- Algarve
- Albufeira
- Porto

REPORTAGEM

24 Convenção

Inter-Ministerial "Unidos para Servir"

A tarefa da Igreja reside em estabelecer-se a estratégia adequada para que cada crente aceite o compromisso de fazer discípulos.

SAÚDE E TEMPERANÇA

30 Como lidar com a depressão?

Faça da sua vida um projeto pessoal com novas atividades e não deixe de gostar de si!

CRENÇAS FUNDAMENTAIS ASD

32 O Juízo pré-Advento

Quão sólido é o nosso ensino sobre o Juízo pré-Advento?

REFLEXÃO

35 Fé em vez de sentimento

Ele simplesmente estava pendurado na cruz, coberto de sangue e respirando de modo ofegante.



António Rodrigues

O Pastor e a sua vocação

A Revista deste mês traz vários artigos dedicados ao Pastor. Uma vez amado, outras vezes odiado ou tratado com indiferença, o Pastor é, frequentemente, objeto de controvérsia. Isto, porque há quem espere que o Pastor seja um bom pregador, que realize uma boa reunião de oração, que esteja disponível a todas as horas, que tenha sempre um sorriso, que não se canse, que não desanime, que não tenha tristezas. Mas o que é verdadeiramente ser Pastor?

Jesus disse aos Seus discípulos: “Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas” (João 10:5, 11). Também o Rei David cantou: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará” (Sal. 23:1). A imagem de que Jesus é o nosso Bom Pastor e de que nós somos as Suas ovelhas é uma imagem inspirada na vida quotidiana dos tempos bíblicos. Na Palestina, os Pastores e os seus rebanhos eram uma parte fundamental da paisagem rural. A função do Pastor compreendia três vertentes principais: (1) ele protegia o rebanho, (2) encontrava o melhor pasto para os seus animais e (3) mostrava ao rebanho a direção a seguir.

Hoje, também se espera que os Pastores das nossas igrejas desempenhem essas mesmas funções. Precisamos de Pastores que protejam as suas igrejas, de dia e de noite, das falsas doutrinas e do pecado, que as levem diariamente ao bom alimento espiritual que se encontra na Bíblia Sagrada e no Espírito de Profecia, e que lhes mostrem Jesus Cristo, o Caminho a seguir (João 14:6).

Para os Pastores, nenhum outro poderia servir de exemplo a não ser Jesus Cristo. Aquele que vigia, Aquele que cuida, Aquele que perdoa, Aquele que aceita, Aquele que morreu e vive pelas Suas ovelhas. Os Pastores de hoje devem, cada vez mais, olhar para Jesus Cristo e seguir o Seu exemplo. Queremos Pastores que não se

envergonhem do Evangelho de Cristo, como diz o apóstolo Paulo na sua Epístola aos Romanos (Romanos 1:16). Queremos Pastores segundo o coração de Deus, como foi Jeremias (Jeremias 3:15). Queremos Pastores que possuam uma profunda percepção de Deus e da Sua majestade, porque vivem diariamente em comunhão com Ele. Queremos Pastores que tenham consciência da sua própria condição, marcada pela inadequação e pelas limitações, sobretudo quando confrontados com a extraordinária obra a realizar. Queremos Pastores que estejam prontos a gastarem-se no combate pelas almas e na pregação do Evangelho que glorifica Deus.

Caros Pastores, lembremo-nos sempre de que o chamado vem de Deus (Efésios 4:11 e 12). Jesus fez notar que a seara é grande e são poucos os ceifeiros (Mateus 9:37).

Ser Pastor não é uma profissão, mas sim uma vocação. O Pastor deve ser sempre objeto das orações dos fiéis, para que receba poder do Espírito Santo. Ele é um homem de Deus, mas não é um super-homem; é um ser humano vulnerável, e é por esse motivo que ele busca ser fortalecido pelo poder do Alto.

“O Bom Pastor veio buscar e salvar o perdido. Ele manifestou em Suas obras o Seu amor por Suas ovelhas. Todos os pastores que trabalham sob a direção do Supremo Pastor possuirão as Suas características; eles serão mansos e humildes de coração. Fé semelhante à de uma criança traz descanso ao coração, e também atua pelo amor e sempre se interessa pelos outros. Se o Espírito de Cristo habita neles, serão semelhantes a Cristo e farão as obras de Cristo” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, pp. 375-377).[¶]

· **António Rodrigues**
Presidente da UPASD

Dias Especiais e Ofertas

JUNHO

- 01 Dia Nacional de Jejum e Oração
- 02 e 03 Ação de Formação para a Colportagem
- 08 Dia dos Ministérios da Mulher
- 21-23 Convenção Nacional dos Ministérios da Mulher
- 22 Dia do Pastor
- 22-29 Campanha de Evangelização
- 29 Oferta do 13º Sábado – Divisão Centro-Este Africana
- 30 Início do Projeto Colportagem Jovem

JULHO

- 01-31 Curso de Formação de Obreiros Médico-Missionários
- 03-06 Convenção Internacional da ASI
- 06 Dia Nacional de Jejum e Oração
- 07 e 08 Convenção Nacional de Educação
- 12-14 ACNAC Rebentos
- 21-28 ACNAC Tições
- 30 Início do Congresso Pan-Europeu JA
- 31 Término do Projeto Colportagem Jovem

JUNHO

- 3-7 – Clínica La Lignière (EUD)
- 10-14 – Associação da Suíça-Alemã (SU)
- 17-21 – Companhia Alemã de Alimentação Saudável (EUD)
- 24-28 – União Búlgara (BU)

JULHO

- 1-5 – União Romena (RU)
- 8-12 – União Italiana (IU)
- 15-19 – União Espanhola (SpU)
- 22-26 – União do Norte da Alemanha (NGU)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



Cantai ao Senhor...

“Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor, todos os moradores da Terra.

Cantai ao Senhor, bendizei o Seu nome; anunciai a Sua salvação de dia em dia.

Anunciai entre as nações a Sua glória; entre todos os povos as Suas maravilhas.

Porque grande é o Senhor, e digno de louvor, mais tremendo do que todos os deuses.

Porque todos os deuses dos povos são coisas vãs, mas o Senhor fez os Céus.

Glória e majestade estão ante a Sua face, força e formosura no Seu santuário.

Dai ao Senhor, ó famílias dos povos, dai ao Senhor glória e força.

Dai ao Senhor a glória devida ao Seu nome: trazei oferendas, e entrai nos Seus átrios.

Adorai ao Senhor na beleza da santidade: tremei diante d'Ele, todos os moradores da Terra.

Dizei entre as nações: o Senhor reina; o mundo, também, se firmará, para que se não abale; Ele julgará os povos com retidão.

Alegrem-se os Céus, e regozije-se a Terra: breme o mar e a sua plenitude.

Alegre-se o campo, com tudo o que há nele: então se regozijarão todas as árvores do bosque,

Ante a face do Senhor, porque vem, porque vem a julgar a Terra: julgará o mundo com justiça e os povos com a Sua verdade.”

Salmo 96

ANTENA 1
RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 17/06 (segunda-feira)
- 01/07 (segunda-feira)
- 22/07 (segunda-feira)

RTP2 ANTENA 1

CAMINHOS

RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir
das 06h
23/06 (domingo)

Envie os seus textos para:
Revista Adventista (A/C Lara Varandas)
Publicadora SerVir, S. A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
ou para: lara.pservir@sapo.pt

O significado do *Sábado*

O Sábado é um dos temas mais relevantes e significativos das Escrituras. Como “um santuário no tempo”,¹ ele lembra e enaltece a ação criadora e redentora de Deus. Mas, lamentavelmente, a observância desta instituição foi sendo ofuscada pela aceitação de ensinamentos não bíblicos. No período intertestamentário, os mestres do Judaísmo revestiram o

Sábado de uma forte ênfase legalística. Por sua vez, o Cristianismo pós-apostólico não mediu esforços para se distanciar desta instituição divina, buscando, por todos os meios possíveis, transferir a santidade do Sábado para o domingo (cf. Dan. 7:25). Um golpe ainda mais profundo foi dado pelo evolucionismo moderno, propondo que tanto o Sábado como o próprio Criador

do Sábado não passam de entidades mitológicas.

Significativos esforços vêm sendo feitos para revitalizar a observância do domingo no mundo contemporâneo. Por exemplo, o Papa João Paulo II publicou, em 1998, a sua Carta Apostólica *Dies Domini*, apelando ao Clero e aos fiéis da Igreja Católica para enaltecerem, de modo mais intencional, a santidade do domingo.² Em 2005, foi estabelecida nos Estados Unidos a “Comissão dos Dez Mandamentos”, formada por influentes líde-

A origem do Sábado está diretamente relacionada com a obra de Deus como Criador.



res religiosos Judaicos e Cristãos. Desde o dia 7 de maio de 2006, o primeiro domingo de maio de cada ano tem sido comemorado naquele país como o Dia dos Dez Mandamentos.³ Tanto a Carta Apostólica *Dies Domini*, como a Comissão dos Dez Mandamentos, veem o domingo como substituto do Sábado.

Sem dúvida, o tempo é mais do que oportuno para uma compreensão mais acurada da natureza e do significado do Sábado bíblico. O presente artigo considera o Sábado na Criação, na Redenção e no tempo do fim.

Na Criação

A origem do Sábado está diretamente relacionada com a obra de Deus como Criador de todas as coisas. A semana da Criação atingiu o seu clímax quando Deus descansou no sétimo dia, além de o abençoar e santificar (Gén. 2:2 e 3). Este triplo ato divino instituiu o Sábado para que fosse observado pelos seres humanos (Mar. 2:27). Karl Barth sugere que “a clara inferência é que a Criação, e supremamente o homem, descansou com Deus no sétimo dia e participou da Sua liberdade, descanso e alegria, mesmo não tendo ainda realizado nenhum trabalho que tivesse de cessar. E na sua liberdade, descanso e alegria no Sábado podia apenas observar a obra de Deus e não a sua própria obra”.⁴

De acordo com o quarto mandamento do Decálogo, o Sábado deve ser observado “porque em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de Sábado e o santificou” (Êxo. 20:11). Na epístola aos Hebreus, o descanso divino “no sétimo dia” da semana da Criação é apresentado como modelo para os Cristãos (ver Heb. 4:4-11). Portanto, a alegação pa-

pal de que “o preceito do Sábado ... na primeira Aliança prepara o domingo da nova e eterna Aliança”⁵ é simplesmente insustentável. O próprio mandamento divino define que “o sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus” (Êxo. 20:10).

Embora os mestres do Judaísmo revestissem o Sábado de um formalismo legalístico antibíblico, a verdadeira observância do Sábado é o maior antídoto contra o legalismo. Comentando sobre o primeiro Sábado na existência de Adão e Eva, Sakae Kubo menciona que “eles descansaram, não por causa de algo que tinham feito, mas porque Deus tinha finalizado a Sua obra. Não podiam apresentar qualquer coisa que *eles* tivessem feito. Tudo o que podiam fazer era ver o que Deus tinha feito por eles. Consequentemente, eles aproximaram-se do Sábado com as mãos vazias de qualquer mérito humano”.⁶

Observando o Sábado, somos levados a reconhecer Deus como nosso Criador e a reconhecermos como Suas criaturas, deixando de lado os nossos “próprios interesses” (Isa. 58:13) para confiar nas obras de Deus. Ellen White declara: “Se o Sábado tivesse sido guardado universalmente, os pensamentos e afetos dos homens teriam sido dirigidos para o Criador como objeto de reverência e culto, e nunca teria havido um ídólatra, um ateu ou um infiel. A guarda do Sábado é um sinal de lealdade para com o verdadeiro Deus, 'Aquele que fez o Céu e a Terra e o mar e as fontes das águas’”.⁷

Na Redenção

A entrada do pecado no mundo gerou uma realidade antagônica aos ideais divinos. Deus, porém, estabeleceu um plano destinado a reverter essa realidade. O Sábado, que já era um símbolo da

obra *criadora* de Deus, tornou-se também num símbolo da Sua obra *redentora*. Este significado adicional do Sábado é evidente em, pelo menos, três importantes momentos da história da Salvação. O primeiro deles foi a dádiva do maná durante seis dias da semana e o milagre da sua preservação durante o Sábado (Êxo. 16:22-24). Neste incidente, o alimento era provido e preservado pela atuação divina, sem méritos humanos.

Outro importante momento foi a própria enunciação da Lei no Sinai (ver Êxo. 19 e 20), que ocorreu num “contexto de graça”,⁸ precedido pela eleição de Israel (Deut. 6:6-8) e pela sua libertação da escravidão egípcia. Em Êxodo 20, o Decálogo é introduzido pela declaração da graça salvadora de Deus: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (v. 2). Em Deuteronomio 5, a mesma graça salvadora é incorporada no próprio mandamento do Sábado: “... porque te lembrarás de que foste servo na terra do Egito e de que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de Sábado” (v. 15).



Qualquer tentativa de inserir o Decálogo e o Sábado numa moldura legalista é desonesta para com o texto bíblico. Gerhard von Rad esclarece que “é impossível, pois, considerar os mandamentos do Deuteronómio como uma ‘Lei’, no sentido teológico, que leve Israel a merecer a salvação pela observação global das exigências divinas. Os mandamentos do Deuteronómio são antes uma grande explicação do mandamento do amor por *Yahweh* e uma expressão de apego exclusivo a Ele (Deut. 6:4). Esse amor é a resposta de Israel ao amor divino que lhe foi testemunhado”.⁹

O terceiro importante momento que associa o Sábado com a obra de redenção é o supremo evento da paixão de Cristo. Durante o Seu ministério terrestre, Jesus não apenas frequentava a Sinagoga no Sábado (Luc. 4:16), mas também procurava restaurar a verdadeira observância do Sábado como expressão da graça redentora de Deus, afirmando ser “lícito, nos Sábados, fazer o bem” (Mat. 12:12). Esse processo atingiu o seu clímax quando Ele descansou na sepultura no fim da semana da paixão. Assim como no princípio Ele tinha repousado “no Sábado após a Sua obra de criação”, Ele descansou outra vez no Sábado “da obra de redenção”.¹⁰ Seguindo o Seu exemplo, também os discípulos, “no Sábado, descansaram segundo o mandamento” (Luc. 23:56).

Um dos argumentos mais usados para justificar a observância do domingo é o de que a ressurreição de Cristo no “primeiro dia da semana” (Mat. 28:1; Mar. 16:1 e 2; Luc. 24:1; João 20:1) transformou esse dia num substituto do Sábado bíblico do sétimo dia. Mas a observância do domingo não possui nenhuma base bíblica e desrespeita a obra criadora e redentora de Deus, da qual apenas o Sábado é um símbolo. A alegação

de que a Bíblia favorece o princípio da observância de um dia em sete, independentemente de qual seja esse dia, está baseada numa releitura equivocada das Escrituras. Como já foi mencionado, o mandamento do Sábado estabelece especificamente que “o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus” (Êxo. 20:10). Portanto, o conflito entre o Sábado e o domingo é, em última instância, uma disputa entre a autoridade de Deus e as pretensões humanas.

O tempo do fim

O livro do profeta Daniel descreve um poder apóstata que desrespeitaria a autoridade do Altíssimo, deitando “por terra a verdade” e cuidando “em mudar os tempos e a Lei” (Dan. 7:25; 8:12). Cristo referiu-Se à atuação desse poder como sendo ainda futura nos Seus dias (Mat. 24:15). Em contraste, Daniel 8:13 e 14 declara que, no fim das 2300 tardes e manhãs, surgiria um movimento de restauração da verdade. Nesse processo, seria de fundamental importância a proclamação da primeira mensagem angélica de Apocalipse 14: “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação e tribo e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-

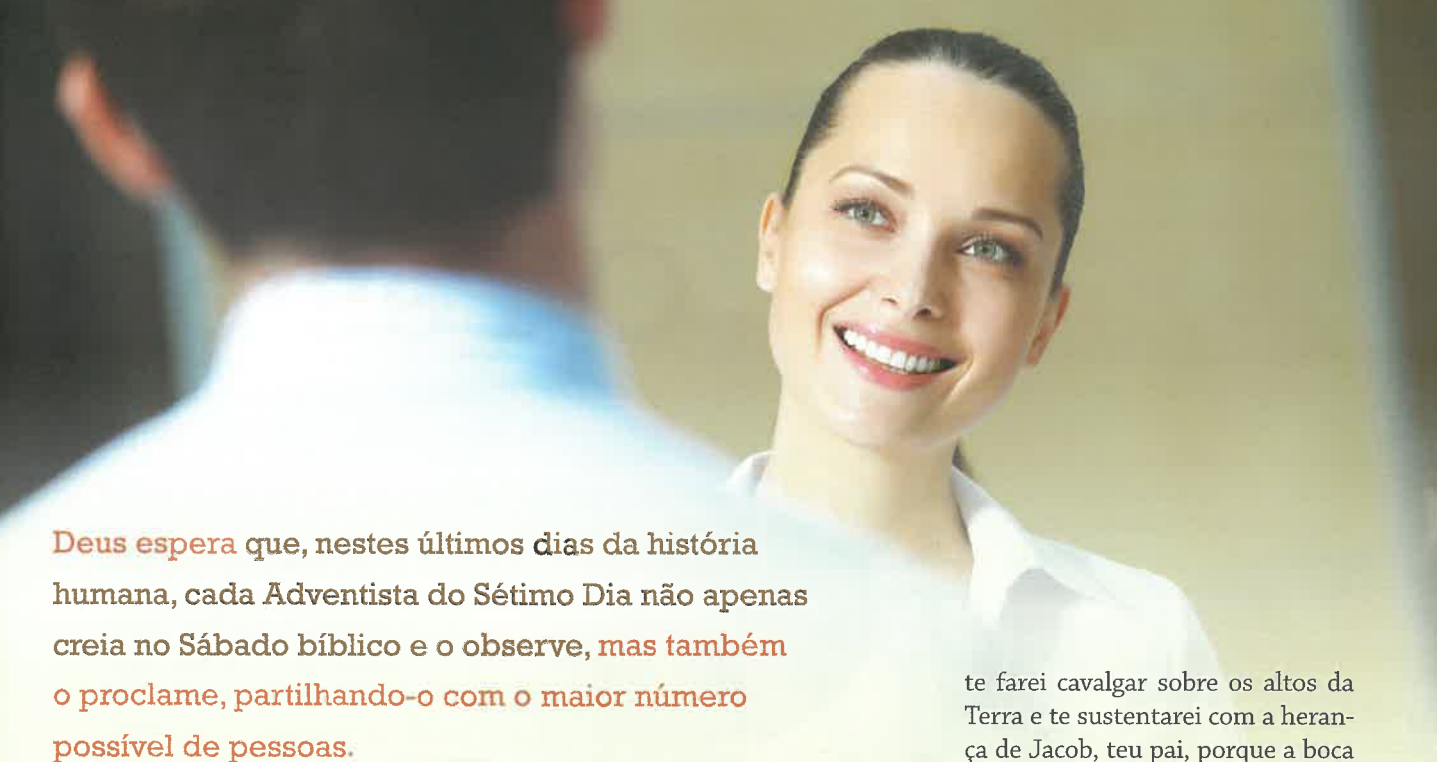
-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo, e adorai Aquele que fez o Céu e a Terra e o mar e as fontes das águas” (vs. 6 e 7).

O conteúdo desta mensagem angélica enaltece Deus como Criador (“Aquele que fez”) e Redentor (“Evangelho eterno”). A expressão “fez o Céu e a Terra e o mar e as fontes das águas” (Apoc. 14:7) é extraída do quarto mandamento do Decálogo, onde é dito que “fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há” (Êxo. 20:11; cf. Sal. 146:6).¹¹

De acordo com Jon Paulien, a “atenção ao mandamento do Sábado é, portanto, a resposta que Deus busca dos Seus fiéis seguidores”.¹² O povo remanescente de Deus é descrito na terceira mensagem angélica como sendo constituído por aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12).

Identificando “os mandamentos de Deus” com o Decálogo (Êxo. 20:3-17), Simon J. Kistemaker afirma que “a Lei de Deus perdura ao longo das eras; não necessita de ser emendada; é relevante para todas as culturas; e jamais será repudiada”.¹³ Evidentemente, a restauração da verdade no tempo do fim envolve também a restauração do quarto mandamento, que ordena a observância do “Sábado





Deus espera que, nestes últimos dias da história humana, cada Adventista do Sétimo Dia não apenas creia no Sábado bíblico e o observe, mas também o proclame, partilhando-o com o maior número possível de pessoas.

do Senhor teu Deus” (Êxo. 20:10). À semelhança do antigo Israel, o povo de Deus ainda hoje necessita de ser “reparador de brechas e restaurador de veredas”, no que respeita à observância do Sábado (Isa. 58:12-14).

Em Hebreus 4:4-11, o descanso de Deus no sétimo dia da Criação (Gén. 2:2 e 3; cf. Êxo. 20:8-11) é apresentado como modelo para os Cristãos. Um estudo desse “repouso” (em grego, *sabbatismós*), no qual o “povo de Deus” deve entrar (v. 9), revela ser ele o descanso da justificação pela fé, do qual o Sábado é um sinal.¹⁴ E o apelo de Hebreus 4:11 é: “Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, seguindo o mesmo exemplo de desobediência.”

Conclusão

O Sábado é uma instituição divina estabelecida para os seres humanos no fim da semana da Criação. Transpondo os séculos, ele chega até nós como um santuário no tempo, revelando e mostrando Deus como nosso Criador e Redentor. A despeito de todas as tentativas de

revesti-lo com uma roupagem legalista, o Sábado bíblico enfatiza sempre as graciosas obras de Deus, e não os méritos humanos. Observando-o em conformidade com os mandamentos divinos, reconhecemos que os caminhos de Deus, embora nem sempre sejam os mais fáceis, são sempre melhores do que os nossos próprios caminhos. Sem dúvida, “o Sábado é um elo de ouro que liga Deus ao Seu povo”.¹⁵

Deus espera que, nestes últimos dias da história humana, cada Adventista do Sétimo Dia não apenas creia no Sábado bíblico e o observe, mas também o proclame, partilhando-o com o maior número possível de pessoas. Em Isaías 58:13 e 14, a promessa divina a todos os observadores do Sábado é a seguinte: “Se desviares o pé de profanar o Sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor. Eu

te farei cavalgar sobre os altos da Terra e te sustentarei com a herança de Jacob, teu pai, porque a boca do Senhor o disse.”

• Alberto R. Timm

Coordenador do Espírito de Profecia da Divisão Sul-Americana

1. Ver Alberto R. Timm, “Um santuário no tempo”, *Revista Adventista* (Brasil), junho de 1998, pp. 8-10; republicado em *Momentos de Alegria: um dia sem stress*, 2001, pp. 10, 12.
2. Carta Apostólica *Dies Domini* do Sumo Pontífice João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo, São Paulo: Paulinas, 1998.
3. Ver www.tencommandmentsday.com. Cf. Steve Wohlberg, “The Ten Commandments Day”, em www.the-ten-commandments.org (acessado em 11/10/2009).
4. Karl Barth, *Church Dogmatics*, Edinburg: T & T Clark, 1958, vol. 3, parte 1, p. 217.
5. Carta Apostólica *Dies Domini*, p. 17.
6. Sakae Kubo, *God Meets Man – a Theology of the Sabbath and Second Advent*, Nashville, TN: Southern, 1978, pp. 47 e 48.
7. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Publicadora SerVir, p. 364.
8. Gerhard F. Hasel, *Covenant in Blood*, Mountain View, CA: Pacific Press, 1982, p. 74.
9. Gerhard von Rad, *Teologia do Antigo Testamento: Teologia das tradições históricas de Israel*, São Paulo: Aste, 1973, vol. 1, pp. 230 e 231.
10. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Publicadora SerVir, p. 657.
11. Kurt Aland *et al.*, *The Greek New Testament*, 3ª ed., corrigida, Stuttgart: United Bible Societies, 1985, p. 871.
12. Jon Paulien, “Is the Sabbath Really in Revelation?”, *Perspective Digest*, vol. 3, n° 3, 1998, pp. 39, 42.
13. Simon J. Kistemaker, *New Testament Commentary: Exposition of the Book of Revelation*, Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 413.
14. Alberto R. Timm, “El significado del concepto de descanso en Hebreus 3 y 4”, *Teología* (Peru), vol. 10, n° 2, 1995, pp. 192-222.
15. Ellen G. White, *A Fé Pela Qual Eu Vivo*, p. 33.

O Pastor

A figura do pastor está profundamente enraizada na vida, na linguagem e na imagética bíblicas.

Este enraizamento resulta do próprio aspecto físico da Judeia. Grande parte desta região está ocupada por uma planície. Esta estende-se por cerca de 56 quilômetros, de Betel, no Norte, a Hebron, no Sul, tendo por largura entre 22 a 28 quilômetros. Esta planície está limitada por um terreno rochoso e desnivelado. Devido a estas características, ela é uma área mais apropriada para o pastoreio do que para a agricultura. Assim, o pastor surge como uma figura central no imaginário Judeu.

A vida do pastor palestino era extremamente difícil. Na região da Judeia, um rebanho nunca se alimentava sem a presença do seu pastor. Por haver pouco pasto e por não existirem cercas protetoras, os rebanhos percorriam grandes distâncias para se alimentar. Portanto, era necessária a contínua assistência do pastor para guardar o rebanho do ataque das feras e para evitar o extravio das ovelhas da estreita faixa da planície para o terreno montanhoso e desértico. O trabalho do pastor não era apenas duro mas também era perigoso. Ele tinha que proteger o seu rebanho dos ladrões e

dos lobos. Assim, não é por acaso que a palavra hebraica para “pastor” seja *ro’en*, que significa “aquele que vigia, que cuida, que guarda”. A função de pastorear o rebanho implicava: (a) prover-lhe alimento adequado para o manter saudável; (b) protegê-lo dos animais selvagens e dos assaltantes; (c) conduzi-lo pelo caminho mais seguro até às pastagens verdejantes e às águas refrescantes; (d) dar assistência especial aos membros mais fracos do rebanho; (e) ter alimento armazenado para suprir qualquer necessidade do rebanho, nomeadamente no inverno.

Para que o pastor desempenhasse bem as suas funções, ele precisava de estar bem informado a respeito das ovelhas que pastoreava. As ovelhas só podem repousar em paz quando encontram satisfeitas quatro condições: (a) devido à sua timidez natural, a ovelha só se deita quando está completamente tranquila, sem qualquer temor; (b) por causa do seu carácter gregário, ela não se deita enquanto houver algum atrito no rebanho; (c) a ovelha não se deita enquanto estiver a ser importunada por insetos; (d) por último, ela só repousa quando está bem alimentada. Ao pastor cabia garantir que todas estas condições se verificavam.

O pastor no Antigo Testamento

Durante toda a história do povo de Israel, a atividade pastoril ocupou um lugar muito importante na vida económica e social da nação. Na Bíblia, ela é a primeira profissão citada: “Abel foi pastor de ovelhas” (Gén. 4:2). Muitos dos grandes líderes de Israel exerceram esta atividade. Entre eles encontravam-se Abraão (Gén. 13:7), Isaque (Gén. 26:20), Jacob e os seus filhos (Gén. 46:32, 34), Moisés (Êxo. 3:1) e Davi (I Sam. 16:11).

No Antigo Testamento, a figura do pastor é empregue para indicar a verdadeira natureza do líder do povo de Deus. Enquanto Líder por excelência do Seu povo, *Yahweh* estabelece o padrão do que significa ser o verdadeiro pastor de Israel. Ele é o “Pastor de Israel” (Gén. 49:24) e os membros do povo de Israel são as “ovelhas do Seu pasto” (Sal. 79:13). *Yahweh* é o Pastor que vai adiante do Seu rebanho (Sal. 68:7), que Ele guia em todos os momentos e, em especial, nas horas de crise. De facto, é *Yahweh* Quem conduz o povo por caminhos seguros e Quem o protege nos momentos de perigo (Sal. 23:3 e 4), é Ele que provê às suas necessidades básicas (Jer. 50:19) e é Ele Quem traz de volta à segurança do rebanho aqueles que se extraviaram (Isa. 40:11).

O Bom Pastor

O Salmo 23 é o texto veterotestamentário por excelência onde é aplicada a Deus a metáfora do “pastor”. Este texto está cheio de lições espirituais para nós. Os “prados verdejantes” e as “águas tranquilas” (v. 2) são mencionadas em primeiro lugar, porque traduzem a preocupação do Pastor divino com as Suas ovelhas. Transmite-se, assim, o terno cuidado de Deus, que visa a restauração e a revivificação espirituais do crente. Desta forma, uma vez restaurado, o homem pode passar a andar em caminhos retos. Assim, o Salmista faz notar que o seu Pastor divino o guia “pelas veredas da justiça por amor do Seu nome” (v. 3). Deus vindica o Seu santo nome, porque Se relaciona com o crente a partir do Seu infinito amor. O relacionamento do Bom Pastor com os fiéis não é apenas espiritual e ético, mas inclui também as crises existenciais pelas quais eles passam, até ao momento extremo em que

têm que passar “pelo vale da sombra da morte” (v. 4). É interessante notar que, a partir do versículo 4, o Pastor divino já não é designado por David na terceira pessoa (“Ele”), mas passa a ser referido na segunda pessoa (“Tu”). Isto tem um profundo significado. Na hora do sofrimento, o Pastor não Se encontra adiante do Seu rebanho, mas está ao lado da Sua ovelha ferida pela dor, confortando-a com a Sua presença. E quando chega a morte, o Bom Pastor conduz em segurança a ovelha moribunda através do “vale da sombra da morte” para as pastagens verdejantes da vida eterna.

Os maus pastores e o Pastor Messiânico de Ezequiel 34

Quando o profeta Ezequiel, no capítulo 34 do livro que leva o seu nome, lança o veredicto de condenação contra os pastores infieis, Israel vivia uma hora de crise. Milhares de Judeus estavam cativos em Babilónia. Mas, já antes disso, milhares de Israelitas tinham sido levados como escravos por Sargão II, em 721 a.C., e muitos milhares de Israelitas tinham sido deportados por Senaqueribe, em 701 a.C.. Além disso, nos últimos anos do reino de Judá, a nação ficou exposta não apenas aos ataques do poderoso exército babilónico, mas também aos ataques dos vizinhos Moabitas e Amonitas. Os “pastores” de Israel, isto é, os sacerdotes e governantes, são responsabilizados no oráculo do profeta. Eles são denunciados como sendo pastores infieis, porque colocaram os seus interesses pessoais acima dos interesses da nação. Embora fossem advertidos pelos profetas Jeremias e Ezequiel, continuavam a implementar a mesma política egoísta. “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos, [...] comeis a gordura, vos vestis da lã e

degolais o cevado, mas não apascentais as ovelhas” (Eze. 34:2 e 3). Para eles, as ovelhas eram apenas o meio de alcançarem benefícios próprios. O dever do pastor era bem conhecido pela sociedade judaica: fortalecer os fracos, curar os doentes, ligar os quebrados, buscar e trazer de volta os desgarrados e perdidos. Mas os “pastores” de Judá procediam de modo inverso. Eles só viam nas ovelhas uma fonte de lucro pessoal. A sua única preocupação era explorá-las para obterem mais vantagens. O rebanho fora negligenciado e, agora, estava abandonado e disperso, presa fácil dos lobos e das hienas do campo, isto é, presa fácil das nações inimigas que o atacavam. Deus decide então pronunciar a Sua sentença contra os Seus sub-pastores: “Eis que estou contra os pastores [...]. Livrarei as Minhas ovelhas da sua boca, para que não lhes sirvam mais de pasto” (Eze. 34:10).

Perante a infidelidade dos maus pastores, Deus apresenta-Se como o Verdadeiro Pastor. A primeira intenção de *Yahweh* é reunir as Suas ovelhas dispersas. As palavras do versículo 13 revelam, pela primeira vez, o propósito divino de libertar os Judeus do cativeiro babilônico: “Assim, buscarei as Minhas ovelhas, livrá-las-Ei de todos os lugares para onde foram espalhadas...” (Eze. 34:12). A segunda intenção de *Yahweh* é a de exercer juízo sobre aqueles que, fazendo uso da força e abusando do seu estatuto, procuraram obter vantagens pessoais em detrimento daqueles que eram mais fracos. De que modo, então, Deus iria congregiar o Seu povo e exercer o Seu juízo sobre os maus pastores? A resposta a esta pergunta está no versículo 23: “Suscitarei para eles um só pastor, e ele os apascentará; o Meu servo David é que os apascentará; ele lhes servirá de pastor.”

Portanto, David era o protótipo do pastor prometido. Acontece que, após o cativeiro babilônico, a nação de Israel não teve nenhum rei descendente de David. Os reis hasmoneus, que reinaram entre 110 a.C. e 63 a.C. eram de linhagem sacerdotal, da tribo de Levi. Assim, temos que admitir que esta profecia só se cumpriu com a vinda de Jesus Cristo, que era da descendência de David. Por isso, o anjo Gabriel, fazendo referência ao destino de Jesus, informou Maria de que “o Senhor Deus Lhe dará o trono de David, Seu pai (Luc. 1:32). Através de Cristo, o

O bom pastor é aquele que é conhecido pelas suas ovelhas e que as conhece muito bem. Ele conhece e é conhecido por elas, porque existe entre ele e o rebanho um relacionamento íntimo e próximo.

Bom Pastor, Deus congregaria de novo Israel e executaria o juízo sobre os maus pastores.

O pastor no Novo Testamento

A figura do pastor no Novo Testamento é sempre vista de uma perspectiva positiva. A sua lealdade ao chamado é descrita com muita simpatia. Ele conhece cada um dos animais e é por eles conhecido (João 10:3, 14, 27). A ovelha perdida é sempre alcançada pelo fiel pastor,

que a conduz de volta ao rebanho, nos seus próprios braços. Ele está pronto a arriscar a sua segurança e a sua vida para proteger o seu rebanho do ataque das feras. Por isso, Jesus não hesitou em empregar a figura do pastor para Se referir a Si mesmo e a Deus nas Suas parábolas.

No Novo Testamento, só encontramos uma menção a pastores reais no Evangelho de Lucas, na história da natividade. Lucas é o único que fala dos pastores do seu tempo, então uma classe desprezada, como tendo sido os recetores da mensagem de boas-novas do nascimento do Messias. Estes homens simples e piedosos passavam as silenciosas horas da noite a conversar sobre o Messias e a orar pela Sua breve vinda. Foi numa dessas noites que lhes foi dada a revelação sobre o nascimento de Jesus. Os dirigentes da nação foram deixados de lado, porque foram infieis porta-vozes da esperança do Messias prometido. Em seu lugar, Deus chamou os humildes e piedosos pastores. E estes, depois de terem visto o recém-nascido Jesus, partiram com alegria, divulgando as coisas que tinham visto e ouvido (Lucas 2:17). Assim, temos aqui – de modo literal – o sentido missiológico embutido na figura do pastor.

Na parábola da ovelha perdida (Luc. 15:1-7; Mat. 18:12-14), Jesus fala acerca da grande alegria do pastor que encontra a sua ovelha desgarrada. Nem sequer é mencionado o sacrifício da procura. Na busca da ovelha perdida, o sacrifício da procura não conta, ele é inerente à função. Também a murmuração é estranha ao desempenho do mester pastoril. O que conta é a alegria de se encontrar a ovelha perdida. Esta alegria representa bem a alegria de Deus, ao poder declarar a remissão do pecador no Juízo final, porque este foi encontrado pela bondade divina.

p. 267), Ellen White afirma que é um dever do pastor estar familiarizado com aqueles que ouvem os seus ensinamentos, para que ele possa determinar o melhor meio de influenciá-los a tomarem a direção certa (vol. 1, p. 267). Ora, visitar essas pessoas em sua casa é o melhor meio ao dispor do pastor para que ele alcance este objetivo.

Ellen White, no livro *Evangelismo* (1997), aconselha o ministro a visitar todas as famílias (p. 440). Ela aconselha-o a não se sentir como mero hóspede quando estiver a visitar. Ele deve mostrar ter verdadeiro interesse pelas necessidades das pessoas que visita. Através desta simpatia para com os visitados, o pastor fará um ótimo trabalho de evangelização (p. 440). É bom lembrar que a evangelização também passa pela conservação dos membros na Igreja, caso os visitados sejam já Adventistas. Ellen White comenta que o pastor que visita os membros nas suas casas e mostra interesse pelas suas necessidades ganha autoridade moral para exortar e advertir, quando for necessário (p. 440). O pastor que não valoriza a visita é um pastor infiel, que se encontra sob a repreensão de Deus (p. 440). Todavia, se o ministro encara a visita como sendo o “modelo divino de evangelismo”, os resultados testificarão que a arte de visitar é “a obra mais proveitosa” que um pastor pode realizar (p. 440). Esta apreciação do trabalho do pastor por Ellen White derruba alguns paradigmas sobre a avaliação do trabalho de um bom pastor, pois, segundo ela, simplesmente pregar é a parte aprazível e fácil da obra. O pastor deve ser avaliado pela facilidade que tem em fazer trabalho pessoal, visitando, dando estudos bíblicos, orando com as famílias e com as pessoas interessadas (p. 440).

1.4. A visitação nos dias de hoje

No início do movimento Adventista podemos encontrar muitos líderes que, juntamente com membros leigos, faziam um trabalho extraordinário de casa em casa. O principal objetivo era apresentar as Escrituras e estimular cada um dos visitados a estudar e a descobrir a verdade. Hoje, o foco pastoral sobre a visitação alterou-se. Há várias razões para esta mudança. Primeiro, atualmente muitos pastores lideram igrejas com centenas de membros. Segundo, esse mesmo pastor pode ser responsável por várias igrejas, o que multiplica o número de membros que tem que acompanhar. Terceiro, existe um conceito equivocado de profissionalismo pastoral, em que a aplicação da arte da visitação pastoral se tornou esporádica ou, mesmo, inexistente. O conceito de profissionalismo pastoral em si mesmo não seria mau, se não estivesse a confundir as responsabilidades. A confusão de responsabilidades existe porque este novo conceito de profissionalismo pastoral não requer do pastor a realização de visitas pastorais, delegando essa responsabilidade nos obreiros bíblicos. Contudo, não nos podemos esquecer de que cada pastor é um obreiro. A obra de visitação pastoral é o principal trabalho do pastor e, se ele deixa de a executar, não está a cumprir totalmente o seu dever pastoral (Ellen White, *Testemunhos para Ministros*, pp. 312-313). Os pastores devem saber que o trabalho que o pastor deve realizar consiste em estar onde o povo está.

Hoje, existem dois grupos com diferentes ideias em relação à visitação pastoral. O primeiro grupo defende a ideia de que o ministro deve não apenas cuidar dos membros da Igreja, mas deve também ir

em busca da ovelha que está fora do rebanho. Nesta perspectiva, a Igreja vê o pastor como um “educador na obra evangélica”. O dever dele é ensinar os membros da sua igreja a irem em busca dos perdidos, sendo ele próprio o líder para a implementação de tal ação. O segundo grupo diverge do primeiro. Prende-se ao conceito de que a obra do pastor consiste em nutrir e cuidar do seu rebanho. Ele deve estar preocupado apenas com os seus membros. Este grupo entende que o evangelista e o obreiro bíblico são os responsáveis por ir em busca daqueles que ainda não são Cristãos. É comum ouvir deste grupo a seguinte expressão: “Quem produz ovelhas são as ovelhas, não o pastor!” Em oposição a estes dois grupos, que divergem entre si, queremos enfatizar a verdade de que o pastor não está só na obra de visitação. Ele deve delegar funções nos seus diáconos e nos seus anciãos. Este apoio torna-se necessário, pois sabemos que a maioria dos pastores trabalha sob duríssimas pressões. O pastor tem que pregar, aconselhar, coordenar o culto, resolver conflitos entre os membros de igreja, guiar o crescimento da igreja e administrá-la. Além do mais, é comum que a maioria dos pastores tenham sob a sua responsabilidade várias igrejas. No entanto, estes fatores não devem impedir que se realize a visita pastoral aos lares dos crentes, pois ela é necessária para manter o pastor informado sobre a condição espiritual dos membros das suas igrejas.

2. Sugestões para um plano de visitação para o distrito pastoral

O presente plano de visitação é destinado a ajudar o pastor, conscientizando a Igreja da importância do seu envolvimento no ministério da visitação. Uma vez posto em prática, este plano ser-

Há uma queixa geral por parte dos membros segundo a qual os pastores negligenciam a visitação pastoral. Entretanto, sabemos que pastorear grandes igrejas ou grandes distritos pastorais exige muito de um pastor. Isto já sem falar da dificuldade em exercer o ministério pastoral nos grandes centros urbanos, onde as pessoas não têm tempo para nada, onde o secularismo e o capitalismo globalizado imperam, onde o contacto pessoal perde cada vez mais o seu valor. Este estado de coisas influencia mesmo alguns membros de Igreja, que se tornaram produtos do meio em que vivem. Portanto, visitar as pessoas, orar e ler a Bíblia com elas está cada vez mais em desuso. No entanto, mesmo tendo tudo isto em consideração, pretendemos neste artigo descobrir qual a importância e o propósito da visitação pastoral na Bíblia e nos escritos de Ellen White. Terminaremos o nosso artigo com algumas sugestões para um plano de visitação a aplicar no distrito pastoral.

1. O conceito de visitação pastoral

Procuraremos, em seguida, apresentar um panorama geral sobre a visitação pastoral. Não pretendemos, entretanto, esgotar o assunto, mas somente apresentá-lo do ponto de vista de alguns autores Adventistas do Sétimo Dia e de outros autores Cristãos.

1.1. A visitação no Antigo Testamento

Tendo já decorrido milhares de anos na história da Igreja Cristã, os princípios essenciais da visitação aos membros não são uma

invenção recente. As suas raízes remontam, pelo menos, ao tempo dos profetas Jeremias e Ezequiel, pois, segundo eles, foi por meio de profetas que Deus enviou mensagens àqueles que Ele escolhera para serem responsáveis pelo Seu rebanho (Jer. 23:1 e 2; Eze. 34:2, 4, 31). Assim, podemos dizer que o tema da visitação pessoal do próprio Deus ao Seu povo encontra-se frequentemente no texto bíblico. Ele começa no Jardim do Éden, onde todas as tardes Deus visitava Adão e Eva. Mesmo depois de eles terem pecado, Deus não deixou de visitá-los pessoalmente, a fim de lhes explicar as consequências dos seus atos. Além disso, a solução para o problema do pecado também foi apresentado naquela visita. Deus enviaria um Redentor (Gén. 3:15). Assim, Deus viria pessoalmente visitar a Humanidade na pessoa do prometido Messias (Mat. 1:21).

Na história do povo de Israel, Deus continua a visitar o Seu povo. Isto pode ser visto claramente na vida de Abraão, no episódio de Moisés junto da sarça ardente e na

manifestação de Deus no Monte Sinai (Êxo. 3:2). Em todo o Antigo Testamento, encontramos um Deus que Se comunicava com o Seu povo. Por meio da visitação, Ele instruía, corrigia e socorria. Desde o início deste mundo, Deus tem-Se preocupado em deixar na mente do Seu povo uma imagem clara e distinta da Sua presença. Esta presença foi comunicada pelos profetas, que tinham o dever de familiarizar-se com Deus e estreitar o contacto entre Ele e o Seu povo. Assim, pois, Deus pediu aos líderes do Seu povo que cuidassem dos crentes e os visitassem.

1.2. A visitação no Novo Testamento

A missão e o perfil do pastor têm que ver com o cuidado e o zelo dispensado aos membros da sua igreja, que é o seu rebanho aqui na Terra. Por esse motivo, ele recebe o nome “pastor”. Ele não pode guiar e proteger o rebanho, se não conhecer os membros da sua igreja.

Sabemos que as visitas pastorais nos primeiros tempos do Cristianismo não eram regulamentadas

Visitação Pastoral: A NOBRE MISSÃO do pastor

por um sistema ou por normas definidas. Porém, quando Jesus desenvolveu o Seu ministério durante três anos e meio, Ele “percorria todas as cidades e povoados ensinando, pregando e curando” (Mat. 9:35). Jesus não Se poupou nos Seus esforços para visitar as pessoas. Ele procurava identificar-Se com elas. Não Se distanciava delas, como faziam os sacerdotes do Seu tempo. Foi no contexto da visita que Ele efetuou as curas milagrosas, como claramente se constata no episódio da cura da sogra de Pedro. Jesus visitou Publicanos e Fariseus, ricos e pobres (Mat. 8:14). O ministério de Cristo foi desenvolvido, primeiramente, através da Sua estratégia de visita. As Suas visitas eram comuns. Pensemos, por exemplo, nas Suas visitas à casa de Lázaro, Marta e Maria. Não eram apenas visitas sociais, mas tinham o objetivo de ensinar e de instruir de forma simples. Os resultados eram extraordinários, pois famílias inteiras eram beneficiadas. Foi o caso de Zaqueu, o publicano, e da sua família, a quem Jesus dirigiu as seguintes palavras animadoras: “Hoje chegou a salvação a esta casa” (Luc. 19:9). Quando Jesus enviou os setenta, Ele deixou claro que eles deveriam entrar nos lares do povo: “Ao entrardes numa casa dizei, antes de tudo: paz a esta casa” (Luc. 10:5). Jesus ordenou aos Seus discípulos: “Buscai as ovelhas perdidas de Israel” (Mat. 10:6). Para este efeito, eles deveriam entrar nos lares (Mat. 10:12).

Cristo formou novos paradigmas, tanto pelos Seus ensinamentos, como pela Sua forma de pregar. Jesus relacionava-Se pessoalmente com todos os que encontrava, fosse no caminho, no lar ou no trabalho. Onde quer que encontrasse alguém necessitado, Jesus estava disposto a socorrê-lo. Ele identificava-Se com o povo. Vários estudiosos têm declarado que o êxito de Cristo se deveu à Sua preocupação com as pessoas. Foi esse o fator que deu significado ao Seu ministério e aos Seus ensinamentos.

O exemplo de Cristo foi seguido por todos os apóstolos. Pedro fazia visitas



constantes ao lar de Dorcas (Atos 9:36-41) e visitou também o lar de Cornélio (Atos 10:1-7). João, o discípulo amado, é outro exemplo da prática do ministério da visitação. Em II João 12 ele escreve: "Não quis fazê-lo com papel e tinta, pois espero ir ter convosco e conversaremos de viva voz para que a nossa alegria seja completa." E em II João 14, ao escrever a Gaio, João diz: "Pois em breve espero ver-te e então conversaremos." O apóstolo reconhecia que nada poderia substituir o contacto pessoal com os seus irmãos na fé. A igreja de Filipos foi fundada por uma visita de Paulo, em resposta ao chamado relatado em Atos 16:9: "Passa   Maced nia e ajuda-nos." Nas suas atividades missionárias, Paulo   outro grande exemplo do emprego da visita o pastoral. Em Atos 5:42, ele afirma que, tanto no Templo, como "de casa em casa", não cessava de ensinar e de pregar sobre Jesus, o Cristo. Quando esteve em Éfeso, o apóstolo declarou que a sua consciência pastoral estava isenta de culpa, pois jamais deixou de anunciar-lhes coisa alguma proveitosa ou de os ensinar, publicamente e de casa em casa (Atos 20:20).

1.3. A visita o nos escritos de Ellen White

  conveniente destacar a opinião de Ellen White sobre o assunto em questão, devido   sua importância como pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os seus conselhos ajudaram a formar a Igreja e o seu papel profético   reconhecido pelos pastores e pelos membros.

Ao discutir, no livro *Obreiros Evangélicos* (1993), a prática da visita o pastoral, Ellen White faz um insistente apelo para que os pastores se misturem com o povo, v o onde ele se encontra e se relacionem com ele mediante o trabalho pessoal de visita o. O

simples ato de pregar   incapaz de substituir a obra de visita o; e sendo omitida a obra de visita o, a prega o será, em grande parte, um fracasso (p. 188). Para Ellen White, a visita o mostra ao obreiro a realidade das pessoas (p. 184), pois, através da visita o nos lares, os ministros passam a conhecer as necessidades físicas e espirituais dos membros das suas igrejas. Para motivar o pastor a visitar, Ellen White encoraja-o dizendo que ele será assistido pelos anjos celestes quando estiver a realizar esta obra (p. 184). No mesmo livro, a autora comenta o ministério diário de Jesus, quando Ele podia ser visto nas humildes casas levando esperança e uma palavra de conforto aos aflitos e abatidos (p. 45). No ministério de Jesus, a visita o pastoral tomava quase todo o Seu tempo e o Seu objetivo era levar b n os, onde quer que fosse (p. 45). Um outro aspeto importante da visita o realizada por Cristo era que, por meio dela, Ele não só alcançava os pobres como estudava meios de atingir os ricos. Ele procurava associar-se com os Fariseus e as autoridades romanas. Aceitava o seu convite para assistir às suas festas, visitava as suas famílias (p. 46). Foi através destas visitas que muitos se converteram e se tornaram fi s discípulos de Cristo (p. 46). Ellen White parece querer mostrar que, enquanto visitador, Jesus não tinha preconceitos. Sendo Judeu, associava-se com Samaritanos e Publicanos. Assim, Ele contrariava os costumes e as tradi es farisaicas da Sua na o (p. 47). Podemos concluir que, segundo Ellen White, Jesus foi o visitador modelo.

O que dizer, então, daqueles pastores que, por terem grandes igrejas sob a sua responsabilidade, alegam não ter tempo para visitar ou deixam a visita o em segundo plano? Ellen White pede-lhes que

reflitam na vida atarefada de Cristo, que podia ser visto nas casas humildes, realizando o trabalho de visita o (p. 45).

Expondo, em *Testemunhos para a Igreja* (2000-2005), o ideal a ser considerado por aqueles que trabalham para Deus, Ellen White afirma claramente que pregar sermões   uma pequena parte do trabalho, pois o verdadeiro trabalho   o de visitar, conversar com os membros da família, orar com eles e suprir as suas necessidades (vol. 3, p. 558). Ela afirma também que a visita o   uma poderosa ferramenta para desarmar a oposi o e quebrar preconceitos (vol. 3, p. 558). A visita o serve mesmo de term metro para o ministro sentir o nível da espiritualidade dos membros da sua igreja (vol. 2, p. 338). Isto   importante, dado que   dever do ministro certificar-se da condi o espiritual de todos (vol. 2, p. 338). Entretanto, para desempenhar esse papel com suficiente sensibilidade, o pastor deve ter uma proximidade e uma rela o ótima com Deus, pois apenas desse modo poderá aconselhar, exortar e reprovador cuidadosamente e com sabedoria.

Além de continuar a aconselhar o pastor a visitar de casa em casa, a misturar-se com as pessoas e a zelar pelo bem delas, Ellen White adverte que o círculo social formado através da visita o   importante para que o pastor se familiarize com os diferentes aspetos da natureza humana (vol. 1, p. 226). Assim, ele pode compreender como funciona a mente humana e adaptar os seus ensinamentos ao nível intelectual do povo. Visitando diferentes personalidades, o pastor acaba por se tornar num eficiente psicólogo (vol. 1, p. 226). Tendo-se em considera o que a Igreja   um ambiente onde existem diferentes tipos de temperamentos (vol. 1,

p. 267), Ellen White afirma que é um dever do pastor estar familiarizado com aqueles que ouvem os seus ensinamentos, para que ele possa determinar o melhor meio de influenciá-los a tomarem a direção certa (vol. 1, p. 267). Ora, visitar essas pessoas em sua casa é o melhor meio ao dispor do pastor para que ele alcance este objetivo.

Ellen White, no livro *Evangelismo* (1997), aconselha o ministro a visitar todas as famílias (p. 440). Ela aconselha-o a não se sentir como mero hóspede quando estiver a visitar. Ele deve mostrar verdadeiro interesse pelas necessidades das pessoas que visita. Através desta simpatia para com os visitados, o pastor fará um ótimo trabalho de evangelização (p. 440). É bom lembrar que a evangelização também passa pela conservação dos membros na Igreja, caso os visitados sejam já Adventistas. Ellen White comenta que o pastor que visita os membros nas suas casas e mostra interesse pelas suas necessidades ganha autoridade moral para exortar e advertir, quando for necessário (p. 440). O pastor que não valoriza a visitação é um pastor infiel, que se encontra sob a repreensão de Deus (p. 440). Todavia, se o ministro encara a visitação como sendo o “modelo divino de evangelismo”, os resultados testificarão que a arte de visitar é “a obra mais proveitosa” que um pastor pode realizar (p. 440). Esta apreciação do trabalho do pastor por Ellen White derruba alguns paradigmas sobre a avaliação do trabalho de um bom pastor, pois, segundo ela, simplesmente pregar é a parte apazível e fácil da obra. O pastor deve ser avaliado pela facilidade que tem em fazer trabalho pessoal, visitando, dando estudos bíblicos, orando com as famílias e com as pessoas interessadas (p. 440).

1.4. A visitação nos dias de hoje

No início do movimento Adventista podemos encontrar muitos líderes que, juntamente com membros leigos, faziam um trabalho extraordinário de casa em casa. O principal objetivo era apresentar as Escrituras e estimular cada um dos visitados a estudar e a descobrir a verdade. Hoje, o foco pastoral sobre a visitação alterou-se. Há várias razões para esta mudança. Primeiro, atualmente muitos pastores lideram igrejas com centenas de membros. Segundo, esse mesmo pastor pode ser responsável por várias igrejas, o que multiplica o número de membros que tem que acompanhar. Terceiro, existe um conceito equivocado de profissionalismo pastoral, em que a aplicação da arte da visitação pastoral se tornou esporádica ou, mesmo, inexistente. O conceito de profissionalismo pastoral em si mesmo não seria mau, se não estivesse a confundir as responsabilidades. A confusão de responsabilidades existe porque este novo conceito de profissionalismo pastoral não requer do pastor a realização de visitas pastorais, delegando essa responsabilidade nos obreiros bíblicos. Contudo, não nos podemos esquecer de que cada pastor é um obreiro. A obra de visitação pastoral é o principal trabalho do pastor e, se ele deixa de a executar, não está a cumprir totalmente o seu dever pastoral (Ellen White, *Testemunhos para Ministros*, pp. 312-313). Os pastores devem saber que o trabalho que o pastor deve realizar consiste em estar onde o povo está.

Hoje, existem dois grupos com diferentes ideias em relação à visitação pastoral. O primeiro grupo defende a ideia de que o ministro deve não apenas cuidar dos membros da Igreja, mas deve também ir

em busca da ovelha que está fora do rebanho. Nesta perspectiva, a Igreja vê o pastor como um “educador na obra evangélica”. O dever dele é ensinar os membros da sua igreja a irem em busca dos perdidos, sendo ele próprio o líder para a implementação de tal ação. O segundo grupo diverge do primeiro. Prende-se ao conceito de que a obra do pastor consiste em nutrir e cuidar do seu rebanho. Ele deve estar preocupado apenas com os seus membros. Este grupo entende que o evangelista e o obreiro bíblico são os responsáveis por ir em busca daqueles que ainda não são Cristãos. É comum ouvir deste grupo a seguinte expressão: “Quem produz ovelhas são as ovelhas, não o pastor!” Em oposição a estes dois grupos, que divergem entre si, queremos enfatizar a verdade de que o pastor não está só na obra de visitação. Ele deve delegar funções nos seus diáconos e nos seus anciãos. Este apoio torna-se necessário, pois sabemos que a maioria dos pastores trabalha sob duríssimas pressões. O pastor tem que pregar, aconselhar, coordenar o culto, resolver conflitos entre os membros de igreja, guiar o crescimento da igreja e administrá-la. Além do mais, é comum que a maioria dos pastores tenham sob a sua responsabilidade várias igrejas. No entanto, estes fatores não devem impedir que se realize a visita pastoral aos lares dos crentes, pois ela é necessária para manter o pastor informado sobre a condição espiritual dos membros das suas igrejas.

2. Sugestões para um plano de visitação para o distrito pastoral

O presente plano de visitação é destinado a ajudar o pastor, conscientizando a Igreja da importância do seu envolvimento no ministério da visitação. Uma vez posto em prática, este plano ser-

virá como um filtro para selecionar as visitas mais necessárias e, ao mesmo tempo, servirá, também, para envolver a Igreja no trabalho. As igrejas Adventistas possuem orientações sobre vários departamentos, sobre a doutrina, sobre as finanças, etc.. Na nossa opinião, a igreja local faria bem em adotar um programa de visitação semelhante ao abaixo indicado.

2.1. Marcar um dia semanal para a visitação

Deve haver um dia e uma hora definidos para a visitação, para que se possam colher os melhores resultados com a implementação deste plano. O ideal é que cada igreja adote o dia mais apropriado para a visitação do pastor e também dos anciãos. Nada mais deve ser agendado para esse dia. O Sábado ou o domingo são os dias mais propícios para a visitação, devido a existir uma maior disponibilidade por parte dos membros.

2.2. O pastor deve ser o supervisor do plano de visitação

O pastor deve orientar e supervisionar a sua igreja na tarefa da visitação. Algumas igrejas maiores têm o privilégio de possuírem anciãos e diáconos disponíveis para assumirem esta responsabilidade. Deve ser eleito um ancião para dirigir o programa de visitação de cada igreja local. Devido à sua importância, a visitação requer uma supervisão sistemática. O Primeiro Ancião deve ser nomeado líder deste programa, passando a ter a responsabilidade de o promover.

2.3. Deve seguir-se um plano de visitação em equipa (anciãos, diáconos e diaconisas)

Seguir um plano sistemático de visitação tem provado ser prático

e eficiente, devido aos seguintes fatores:

1. **É bíblico.** Os Cristãos do Novo Testamento dedicavam-se à visitação (Atos 5:42). Trabalhavam juntos. Depois de se reunirem para a oração e o culto, partiam para testemunhar do poder de Jesus. Portanto, esta meditação e preparação que caracterizava os Cristãos do período neotestamentário são igualmente valiosas para o visitador atual.
2. **Inspira os visitantes.** Quando uma pessoa está sozinha nesta obra de visitação é fácil desanimar e ficar desapontada. A motivação aumenta consideravelmente quando há grandes grupos de pessoas, saindo juntas ao serviço do Evangelho.
3. **Supervalorizar** a visitação. Quando um plano de visitação em conjunto é posto em prática, a visitação é colocada num plano mais elevado e atrai o respeito e a atenção da comunidade. Uma tarefa que recebe a atenção e o tempo da parte dos membros causa um impacto positivo nos envolvidos, seja a visita de cunho pastoral ou missionário.
4. **Valorizar o tempo.** A maioria deixa de se dedicar à visitação alegando falta de tempo. Portanto, um tempo definido para a visitação torna possível um melhor emprego do tempo, quer da parte do indivíduo a ser visitado, quer da parte da igreja. Isto é de fundamental importância, principalmente nos grandes centros, onde o tempo é precioso.
5. **Planear um horário amplo.** Os melhores resultados no ministério da visitação são alcançados quando todos os visitantes se reúnem na igreja para a oração e para a instrução, antes de saírem a visitar. Neste breve encontro, as tarefas são distribuídas, as

informações são dadas e o transporte é providenciado.

2.4. A implementação do plano de visitação pastoral

A visitação pastoral não se destina a resolver conflitos, a visitar enfermos ou a fazer visitas de amizade. Ela deve demorar no máximo 45 minutos e tem um objetivo claro. Trata-se de levar a cada membro, a cada família, uma mensagem espiritual. Deve-se transmitir ao visitado a noção de que ele tem uma missão maravilhosa a desempenhar e torná-lo ciente da grande confiança que o Senhor deposita nos seres humanos por Ele chamados. É necessário fazer sentir que Deus quer ter, nesse dia, um encontro com a família visitada.

Todo o sucesso da visitação pastoral depende da preparação individual daqueles que visitam e da preparação espiritual das famílias visitadas. Nunca se deveria avançar para uma visita pastoral sem se passar primeiro por um largo período de intercessão, pelos que visitam e pelos visitados. Pelos que visitam, para que Deus os ajude a serem perseverantes e a convencem a igreja da importância da visitação pastoral. Pelas famílias que são visitadas, para que o Espírito Santo possa abrandar e convencer os corações, impulsionando-os a aceitarem a mensagem que lhes é levada pela visita realizada.

A implementação deste plano de visitação poderá realizar uma revolução espiritual na igreja que o aplique. De facto, a grande maioria dos membros anseia fervorosamente por uma renovação, mas muitos não sabem como operá-la! O plano sistemático de visitação poderá muito bem ser a solução. ✠

• **Pr. Enoque Nunes**
Associação Ministerial
da UPASD

Estará Deus a chamar-te?

O ministério pastoral é a obra mais elevada a que um mortal pode aspirar.

Introdução

Diante da majestade de Deus, que buscava alguém para levar a palavra de advertência ao Seu povo, Isaías respondeu: “Eis-me aqui! Envia-me a mim” (Isa. 6:8). O ministério pastoral é a obra mais elevada a que um mortal pode aspirar. Ellen White declarou que “é necessário fazer os jovens compreender que não existe nenhum outro trabalho mais abençoado por Deus” (*Ministério Evangélico*, p. 59). Esta não é somente uma obra elevada, nobre e digna, como é ainda a obra que pode satisfazer plenamente o coração generoso e idealista de um jovem Adventista sincero. Quando chega o momento em que se olha para trás e se revê a vida decorrida, dificilmente haverá carreira que possa trazer tanta satisfação e ser vista de uma forma tão dignificante como a carreira ministerial. O ministério pastoral é a obra que deixará marcas positivas na vida das pessoas com quem nos relacionamos, marcas que as influenciarão, não apenas neste mundo, mas também na Eternidade.

Aptidões para o ministério pastoral

Ao refletir sobre a sua missão e a missão de todos os que são en-

viados a pregar o Evangelho, Paulo escreveu: “Porque, para Deus, somos o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes, certamente, cheiro de morte para morte; mas, para aqueles, cheiro de vida para vida. E para estas coisas, quem é idóneo?” (II Cor. 2:15 e 16). Como vocação que é, o ministério pastoral abre os seus braços para acolher as pessoas cujas características se coadunam com o leque das exigências da missão a desenvolver. Mas, acima de todos os requisitos, é determinante o espírito com que um jovem se decide a entrar no ministério, pois este é o espírito que irá manter ao longo da sua vida como pastor. Sobre isto, Ellen White declarou o seguinte: “A medida da capacidade ou do saber é de muito menos consequência do que o espírito com que vos empenhais na obra. Não é de grandes e doutos que o ministério necessita; não é de eloquentes oradores. Deus pede homens que se entreguem a Ele para serem pos-

suídos pelo Seu Espírito” (*Obreiros Evangélicos*, p. 60).

O Senhor está a chamar, hoje, jovens em cujo espírito habita o amor pela Igreja e o anseio de levar almas aos pés de Jesus. O Senhor deseja que esses jovens dediquem a sua vida à disseminação do santo Evangelho.

Deus está em busca de jovens com o seguinte perfil:

Jovens que sejam bons estudantes e verdadeiros pesquisadores da Palavra de Deus. Paulo escreveu ao jovem Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (II Tim. 2:15). E a serva do Senhor enfatiza





que “a juventude deve receber uma instrução séria da parte de mestres experientes e deve fazer o melhor uso possível dos seus tempos de estudante: muito estudo e muito trabalho são necessários para alguém se tornar num obreiro fiel em todo e qualquer ramo da nossa obra” (*Obreiros Evangélicos*, p. 66).

Jovens com provas dadas em termos de sabedoria e de tato no lidar com as almas. Paulo aconselha Timóteo que “ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor” (II Tim. 2:24). Ellen White faz notar que “os ministros de Deus devem chegar a uma íntima relação com Cristo e seguir o Seu exemplo em todas as coisas: pureza de vida, abnegação, benevolência, diligência, perseverança” (*Obreiros Evangélicos*, p. 31).

Jovens em cujo coração exista um forte desejo de falar aos outros de Jesus. Como disse Paulo: “Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação: e, ai de mim, se não anunciar o Evangelho!” (I Cor. 9:16). A pena inspirada escreveu o seguinte: “A conversão de almas a Deus é a obra mais grandiosa, a obra mais elevada em que os seres humanos se podem empenhar” (*Evangelismo*, p. 291).

Jovens que se dispõem a trabalhar na causa de uma maneira

continua, persistente e objetiva e a suportarem o sofrimento por amor a Jesus. Ao aconselhar o jovem Timóteo, Paulo escreve: “Sofre, pois, comigo, as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo. Portanto, tudo sofro, por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna. Se sofrermos, também com Ele reinaremos. Se O negarmos, também Ele nos negará” (II Timóteo 2:3, 10, 12). Ellen White afirma claramente que “aqueles que consagram a Deus corpo, alma e espírito receberão contínua provisão de forças físicas, mentais e espirituais” (*Obreiros Evangélicos*, p. 112).

Jovens que estejam animados a cooperarem de uma maneira articulada com os seus companheiros no ministério. Paulo faz o seguinte apelo: “Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efé. 4:1-3). A serva do Senhor escreve também que “o Senhor deseja que os Seus escolhidos servos aprendam a se unir num esforço harmónico. [...] A verdadeira religião liga os corações, não somente com Cristo, mas uns com os outros, na

mais terna união” (*Obreiros Evangélicos*, pp. 483 e 484).

Jovens que se deixam conduzir pelo Espírito Santo. “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Rom. 8:14). Como nos diz Ellen White, “Sem a cooperação do Espírito de Deus, nenhum grau de educação, nenhuma vantagem, por maior que seja, pode tornar uma pessoa num canal de luz” (*Obreiros Evangélicos*, p. 284).

Conclusão e apelo

A serva do Senhor é clara e enfática. “Caros jovens, Deus chama-vos. Ele quer ver, no ministério, um grande exército de jovens corajosos e inteligentes, cheios de um profundo amor por Cristo e pela Verdade” (*Obreiros Evangélicos*, p. 60). Jovem, se sentes o chamado de Deus, fala nisso ao teu pastor. Discute o assunto com os teus pais. Fala-lhes no teu interesse em servir Deus no ministério. Faz perguntas. Ora muito. Deus guiar-te-á na tua decisão! ✨

Se pretendes mais informação sobre os passos a dar, contacta a Associação Ministerial da UPASD, Rua Acácio Paiva, nº 35, 1700-004 Lisboa.

EMAIL:

ministerial@adventistas.org.pt

• **Pr. Enoque Nunes**
Associação Ministerial
da UPASD

A Igreja tem necessidade de vós!

A Faculdade Adventista de Teologia está ao vosso serviço.

A Igreja Adventista mundial tem como missão dar a conhecer o amor de Cristo e a salvação que Ele nos concede. Para que este objetivo se cumpra, é indispensável o empenho de todos. A Igreja também tem necessidade de Pastores, que consagrem todo o seu tempo ao serviço das comunidades e da pregação. Mas não nos tornamos Pastores apenas pelo simples apelo divino; é necessária formação para servir. Para este efeito, a Faculdade Adventista de Teologia de Collonges-sous-Salève, em França, está à vossa disposição.

A Faculdade faz parte do sistema mundial Adventista de educação. Ela está acreditada pela *Accrediting Association of Seventh-day Adventist Universities (Level III Institution = ciclo doutoral)*, desde 1977. Ela é uma das quatro Faculdades Adventistas francófonas de Teologia, juntamente com a Universidade Csendai (Camarões), a Universidade Adventista do Haiti e a Universidade Zurcher (Madagáscar). Ela colabora com estas Universidades e participa na formação dos membros e no ensino universitário nos territórios de seis Divisões, nos quais estão presentes mais de 1 500 000 Adventistas. Os acordos que assinou com as melhores Universidades são a prova da qualidade do ensino ministrado pelos seus professores, bem como da qualidade da formação pastoral que oferece. Os diversos acordos académicos permitem aos estudantes obter diplomas de Estado ou reconhecidos pelo Estado.

Por vezes, censuram-nos por formar teólogos e não Pastores. Sejamos precisos. Um teólogo é um

especialista da Teologia, que tem como tarefa primeira o ensino. Portanto, o teólogo é um Doutor (do latim *doceo* = ensinar). Trata-se de uma pessoa que avançou, na Universidade, até ao grau mais elevado – o Doutoramento. O teólogo investiga, ensina e publica. Não, nós não formamos teólogos, mas sim Pastores, que podem, caso o desejem, prosseguir os seus estudos até ao Doutoramento, e tornarem-se teólogos ao serviço da Igreja. Esta confusão deve-se, talvez, ao facto de que certas pessoas indicam ser “teólogos” no fim de um artigo ou apresentam-se como tal publicamente logo que tenham seguido alguns anos de estudo da Teologia. A Faculdade de Teologia tem por missão formar Pastores e adaptar essa formação às necessidades reais, práticas e crescentes das igrejas.

A Faculdade de Teologia oferece seis possibilidades de formação:

1. **Certificado de formação nos ministérios pessoais.** Trata-se de um programa de oito semanas intensivas, repartidas por

diversos anos e organizadas em colaboração com as Uniões. Não é exigido qualquer pré-requisito.

2. **Certificado de iniciação bíblica.** Este certificado é concedido após um ano de estudos “à escolha” seguidos como formação pessoal, sem objetivo profissional. Não é exigido qualquer pré-requisito.

3. **Licenciatura em Teologia.** Pré-requisito: Diploma do Ensino Secundário concluído.

4. **Mestrado em Teologia.** É o Diploma requerido para alguém se tornar Pastor ou, posteriormente, professor de Teologia.

5. **Formação contínua.** Possibilidade de Pastores, administradores ou membros empenhados seguirem as semanas intensivas do Mestrado 2.

6. **Ensino à distância.** Com uma organização muito flexível, esta forma de ensino adapta-se perfeitamente às vossas necessidades.

Todas as informações úteis estão à vossa disposição no nosso Sítio: www.campusadventiste.edu. Podem também contactar o secretariado da Faculdade no seguinte endereço eletrónico: secretariat.fat@campusadventiste.edu, ou por telefone: +33 (0) 450876812.

Lembrem-se de que a Igreja tem necessidade de vós e de que nós ficamos à vossa disposição para vos preparar para o serviço de Deus. ✨

• **Roland Meyer**
Deão da FAT

Acampamentos Regionais da Juventude Adventista em 2013

Entre os dias 28 e 31 de março do corrente ano, realizaram-se os Acampamentos Regionais da Juventude Adventista portuguesa. Os jovens estiveram reunidos em cinco diferentes regiões do país. Em Amarante, estiveram acampados cerca de 500 jovens, provenientes da Região Norte. Os 400 jovens da Região Centro reuniram-se em Serpins. Santa Cruz foi o local de acampamento para os 800 jovens vindos da Região de Lisboa e Vale do Tejo. 150 jovens das Regiões do Alentejo e do Algarve acamparam em Vila Nova de Milfontes e, finalmente, 50 jovens da Região da Madeira concen-

traram-se em Porto Moniz. No total, estiveram acampados perto de 2000 Desbravadores. "Fiel em Babilónia" foi o tema que orientou a reflexão espiritual e as atividades de campo desenvolvidas ao longo dos quatro dias de acampamento. Este tema baseou-se na experiência do profeta Daniel e dos seus três amigos, durante o exílio vivido no Império Babilónico. Os jovens Adventistas foram desafiados a permanecerem fiéis a Deus e à Sua Palavra nos nossos dias, à semelhança de Daniel no passado. O tema escolhido para ser o mote das atividades espirituais e de campo foi adaptado à

realidade das quatro faixas etárias que compõem o movimento dos Desbravadores. Deste modo, os jovens Adventistas puderam viver um fim de semana marcado pelo companheirismo Cristão e pelo crescimento espiritual. O movimento dos Desbravadores constitui a organização escutista da Igreja Adventista do Sétimo Dia e os Acampamentos Regionais de Desbravadores são, no seu conjunto, o evento mais representativo da Juventude Adventista em Portugal, contando já 30 anos de existência.

Pr. Pedro Esteves
Diretor do Departamento de Jovens da UPASD

Congresso de Universitários Adventistas reúne mais de 200 jovens em Aveiro

Rodrigo Silva, reconhecido arqueólogo brasileiro, foi o convidado principal do congresso nacional da Associação de Universitários Adventistas (AUA), trazendo como tema "A Arqueologia Bíblica". Enfrentar o ambiente secularizado das Universidades é uma das maiores provas de fé que os estudantes Adventistas enfrentam diariamente. É a pensar neste desafio diário que a AUA procura reunir, de três em três anos, os universitários Adventistas num congresso nacional. Este ano, entre 19 e 21 de abril, a cidade e a igreja Adventista de Aveiro acolheram mais de 200 jovens que, para além de participarem no congresso para estabelecerem laços e fortalecerem a fé, também vieram para



ouvir o Prof. Rodrigo Silva apresentar as descobertas arqueológicas que comprovam a veracidade histórica da Bíblia. O Prof. Rodrigo Silva, de origem brasileira, é doutorado em Teologia Bíblica e pós-doutorado em Arqueologia Bíblica. Autor de diversos livros sobre arqueologia, é ainda conferencista, professor universitário e apresentador na *TV Novo Tempo* e no *Canal Discovery*.

Na conferência de Sábado de manhã, o Prof. Rodrigo explicou que "a maior evidência da veracidade da Bi-



blia, e que a torna num livro sagrado, está no facto de os seus escritos terem resistido ao tempo e às perseguições. De outra forma, caso se tratasse de um livro vulgar, teria já sido extinto". O professor acredita que "a maior prova de que a Bíblia é a Palavra de Deus está na sua capacidade de transformar vidas". O presidente da AUA, Tiago Alves, aproveitou a ocasião para anunciar que, em 2014, Portugal vai receber, pela primeira vez, o Congresso Internacional de Universitários Adventistas. Este concretizar-se-á em setembro, na cidade de Lisboa.

A riqueza do conteúdo das palestras do Prof. Rodrigo Silva levou a que a organização do congresso as disponibilizasse no sítio da *TV Adventista* (www.tvadventista.pt). Veja e partilhe!

Tiago Alves
Presidente da AUA



Presidente da União Franco-Belga é português



De 26 de abril a 1 de maio, no centro Valpré, Ecully, perto de Lyon, decorreram os trabalhos da Assembleia Geral da União Franco-Belga, que reuniram 120 delegados vindos das federações e instituições da França, da Bélgica e do Luxemburgo. No dia 28 de abril, os delegados votaram favoravelmente a nomeação do Pastor Rúben de Abreu como presidente da União Franco-Belga. Casado com Véronique e pai de dois filhos, o Pastor Rúben de Abreu exerceu funções na União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia; primeiramente, como Departamental de Jovens, e, no quinquénio passado, como secretário-executivo da União Portuguesa.

Ad7/RA

Oito obreiros ordenados ao ministério pastoral

O corpo pastoral português está mais rico com a consagração de oito novos ministros do culto. Os pastores Augusto Fernandes, Dário Santos, Luís Paulo Vasconcelos, Rúben Martins, Samuel Aires, Sidónio Lança, Teófilo Lopes e Vítor Pancha foram consagrados pela UPASD no Sábado dia 1 de junho.

Às 16h00 em ponto, no dia dedicado por toda a Igreja nacional ao Jejum e à Oração, a igreja de Lisboa-Central estava cheia. Um a um, os oito “novos” pastores foram apresentados pelos seus tutores. Os níveis de espiritualidade sentidos na sala foram aumentando, à medida que se aproximava o ponto alto da cerimónia, o momento da imposição de mãos. Então, todos os pastores ordenados presentes na sala ajoelharam-se ao redor do púlpito e impuseram as mãos sobre os oito pastores a consagrar. A oração de ordenação foi do presidente da UPASD, Pr. António Rodrigues. Esta cerimónia de ordenação ao ministério pastoral ficou ainda marcada por um momento de agradecimento aos pastores eméritos, por terem dedicado a sua vida a promover a obra de Deus.

Ad7/RA



Digitalway

Algarve

Vigília Jovem no Algarve



Motivada pela necessidade de Reativamento e Reforma e sob o tema “Encontro com Deus”, realizou-se uma vigília que envolveu várias igrejas do Algarve e que foi organizada pelo Departamento de Jovens da igreja de Lagoa. Na noite de 13 de abril, reuniram-se na igreja de Lagoa crentes das igrejas de Faro, Quarteira, Albufeira, Portimão, Lagos e Lagoa. Houve momentos de louvor, ado-

ração, oração e testemunho. O início da vigília foi marcado pelo culto de pôr do Sol e no final, já de madrugada, o grupo de Portimão encerrou a vigília cantando o hino “Vencendo vem Jesus”. Todos os participantes sentiram a presença do Espírito Santo durante a realização desta vigília. Foram vividos momentos maravilhosos, de elevada espiritualidade.

Luís Carlos Fonseca | Pastor

Albufeira

Batismos em Albufeira

Na tarde de 9 de março de 2013, a igreja de Albufeira teve a alegria de receber no seu seio três novos membros. Emílio Marques Serralha, Maria de Fátima Oliveira e Ana Lúcia Lopes selaram o seu compromisso com Cristo através do batismo. A mensagem do sermão batis-

mal colocou a ênfase na restauração que Cristo promove na vida do Cristão. Fátima e Lúcia, mãe e filha, eram católicas praticantes. Já frequentavam os cultos da nossa igreja há quase dois anos. Hoje, estão comprometidas com o trabalho missionário, estando perfeitamente integradas na igreja de Albufeira.

Luís Carlos Fonseca | Pastor



Porto

Laudare em concerto na igreja do Porto

O grupo vocal *Laudare Ensemble* conta já com sete anos de existência. Este coro Adventista já participou em diversos concertos, não só em Portugal, mas também no estrangeiro. No sábado 27 de abril, a formação liderada por José Alves Dias esteve no Norte do país para

três apresentações. As igrejas ASD de Canelas e Espinho receberam o coro durante a tarde, enquanto o concerto da noite ficou reservado para o templo da igreja Adventista do Porto. Num horário pouco habitual – o concerto começou às 21h30 – a igreja do Porto esteve bem

composta para ouvir o grupo vocal. Alguns novos temas foram entoados pela primeira vez, mas não saíram defraudadas as expectativas de quem queria ouvir os clássicos interpretados pelo grupo, nomeadamente os temas *Praise His Holy Name* e *Joshua Fit the Battle of Jericho*.

AD7/RA

Convenção Inter-Ministerial

“Unidos para Servir”

A Divisão Inter-Europeia organizou a 1ª Convenção Inter-Ministerial, sob o lema “Unidos para Servir – Sê Meu Discípulo”, tendo ela decorrido de 13 a 16 de março na pequena localidade de Rimini, situada na costa do Adriático, no Nordeste de Itália.

A tarefa da Igreja reside em estabelecer-se a estratégia adequada para que cada crente aceite o compromisso de fazer discípulos.



O plano estratégico desta Convenção visava organizar e promover um maior nível de unidade e sinergia entre todas as instituições, departamentos e serviços da Igreja, de forma a utilizar eficientemente os recursos humanos e materiais para o crescimento da Igreja e para o cumprimento da sua missão. Os principais objetivos eram (1) despertar a visão missionária e (2) mobilizar e equipar os membros para a

missão, para crescerem em discipulado. O apelo primordial da Grande Comissão é “fazer discípulos”. Assim, a tarefa da Igreja reside em estabelecer-se a estratégia adequada para que cada crente aceite este compromisso.

O programa iniciava-se diariamente com um poderoso devocional pela manhã, sendo depois enriquecido com sessões plenárias espiritualmente muito for-

tes, momentos de oração e vários workshops, organizados segundo diversos temas, tais como “discipulado”, “liderança” ou “ferramentas para o discipulado e para o testemunho”. Paralelamente ao programa, decorreram três Comissões Especiais, em que Pastores, oficiais e leigos se uniram para analisar, debater e propor a estrutura mais adequada para a Igreja e a melhor estratégia para o desempenho da sua função. Na composição de cada uma destas Comissões esteve presente um membro leigo da delegação Portuguesa, em representação da nossa União.

Em cada dia em que durou a Convenção, o foco das apresentações centrou-se numa orientação diferente. Na quinta-feira, 14 de março, a orientação foi *Reach up* (Alcança o Alto), baseada em Mateus 22:37: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.” Esta orientação teve como objetivo estabelecer a vivência de uma íntima adoração pessoal e coletiva. Na sexta-feira, 15 de março, o tema foi *Reach across* (Alcança ao teu lado), baseada em

João 15:12: “O Meu mandamento é este: Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.” Este tema teve como objetivo destacar a necessidade de um relacionamento amoroso com os irmãos de Igreja. No Sábado, 16 de março, a orientação foi *Reach out* (Alcança mais além), baseada em João 3:16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho amado.” Esta orientação teve como objetivo discutir o modo como podemos convidar outras pessoas a unirem-se à nossa comunidade.

Apesar do tema central escolhido (“Unidos para Servir – Sê Meu Discípulo”) estar normalmente associado ao trabalho dos líderes e dos oficiais da Igreja, um dos ensinamentos mais profundos a retirar dos temas apresentados é a importância vital de se envolver a família e, sobretudo, as crianças, que não podem ser menosprezadas neste ministério. Os oradores convidados garantiram a excelência das mensagens apresentadas, enriquecendo espiritualmente a programação do evento.

Um dos principais convidados do evento foi Bill Knott, editor da *Adventist Review*, que teve a seu cargo o devocional da manhã. Presença física de “peso”, voz a condizer em potência e firmeza, despertou-nos com mensagens que realçaram a certeza do poder infinito de Deus, tanto no passado como nos nossos dias. A sua primeira mensagem baseou-se em II Reis 6:15 e 16, realçando que o mesmo Deus Poderoso que protegeu Eliseu e o povo de Israel dos exércitos sírios, impedindo-os de conquistar Dotã, continua vivo e poderoso hoje, protegendo-nos de sermos “conquistados pelos exércitos inimigos”. Os líderes da Igreja e os membros, que vivem assustados e sobrecarregados com tantos medos e incertezas, podem confiar no

mesmo poder majestoso que tantas vezes vem em nosso auxílio, quando nos “encontramos cercados”. No dia seguinte, o devocional baseou-se em Atos 3 e 4:31, apresentando as quatro qualidades da Igreja de Jerusalém: (1) *Provocadora*: A Igreja marcava a diferença em relação à sociedade que a rodeava, sem medo de ser diferente. Hoje, também devemos ter a coragem de marcar a diferença pela positiva; (2) *Perseguida*: A Igreja sofria a consequência de ser uma instituição com uma cultura diferente da cultura envolvente; (3) *Orante*: Confiando no Espírito Santo, a Igreja compreendia, cada momento, de onde vinha o seu poder; (4) *Poderosa*: A Igreja sabia que o seu poder residia na oração, porque uma Igreja que ora é sempre uma Igreja poderosa.



Derek Morris

Derek Morris, secretário-associado da Associação Ministerial da Conferência Geral, editor da Revista *Ministério*, monitor da Escola Sabatina no *Hope Channel* e professor-adjunto na Southern Adventist University, foi muito apreciado pelas suas mensagens radicais. Eis uma súmula dessas mensagens.

(1) A Oração Radical. O ensino de Jesus em Lucas 10:1-3 (“Grande é a seara, mas poucos os obreiros, rogai ao Senhor da seara que envie obreiros”) é absolutamente necessário hoje. Necessitamos de ver o mundo pela perspectiva radical de Deus. A seara realmente é grande. A nossa oração deve ser ra-

dical: Senhor muda a minha vida! Orações formais e seguras não mudam vidas. Acreditamos verdadeiramente que Deus nos quer usar para mudar vidas?

(2) A Liderança Radical. Aplicar o modelo de liderança espiritual apresentado em Atos 6:1-7, delegando funções naqueles que têm boa reputação, que estão cheios do Espírito Santo e de sabedoria.

(3) Apóstolos Radicais. O estudo cuidadoso de Mateus 10 sugere que devemos sair do território seguro e unir-nos, como apóstolos consagrados, ao Senhor da seara na Sua obra. Apesar de sermos discípulos que aprendem aos pés de Jesus, também somos chamados a sair no nome de Jesus.

Outro convidado marcante foi Don MacLafferty, fundador dos Ministérios *Kids in Discipleship* e *In Discipleship*, que tem desenvolvido o discipulado entre as crianças, os jovens e os adultos, numa perspectiva intergeracional. Uma das suas apresentações mais fortes teve por título “As vossas crianças devem ser discípulas do Senhor”, sendo baseada nos textos de I Sam. 2:11, 18, 26; 3:1. Retirámos três ensinamentos importantes desta mensagem: (1) Dar às crianças a possibilidade de louvar o Senhor. Não esperemos que as crianças sejam adultas para louvarem o Senhor nos serviços da Igreja. Devemos envolvê-las quando ainda são jovens. As crianças estão ansiosas por servir Jesus; (2) Ensinar as crianças a conhecerem a voz de Deus; (3) Disciplinar as crianças, para que sejam discípulas de Jesus.

Linda Koh, Departamental dos Ministérios da Criança na Conferência Geral, abordou o papel essencial das crianças no discipulado e a sua preparação para testemunharem de Jesus: “Se pais e professores ajudarem as crianças a descobrir que conhecer Jesus é

a coisa mais importante do mundo, elas logo concluirão que a coisa mais importante que podem fazer é contar aos outros sobre Jesus”.

A importância da família na missão da Igreja foi enfatizada pela presença de Elaine e Willie Oliver, responsáveis pelo Departamento dos Ministérios da Família na Conferência Geral. Apresentaram duas mensagens muito importantes: (1) Sinergia em Movimento: o esforço missionário deve ser partilhado por todos os membros, porque esta tarefa deve ser executada em equipa; (2) Juntos Somos Mais Fortes: realçou-se a importância do casamento no testemunho e na missão que desempenhamos na Igreja. “O casamento não é para nos fazer felizes, mas para nos fazer santos, refletindo o caráter de Deus.” Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 116.



Elaine e Willie Oliver

Um dos convidados mais marcantes da convenção, pelos temas que trouxe e pelo impacto provocado, foi Joseph Kidder, professor da Universidade Andrews nas áreas do crescimento espiritual, crescimento de igrejas, evangelismo e liderança. Ele abordou temas essenciais como: (1) Experimentando a presença de Deus: uma das Igrejas que pastoreou cresceu de 30 para 600 membros em apenas 8 anos, não devido a programas ou estratégias especiais, mas pelo poder de Deus derramado sobre o Seu povo como resposta à oração de intercessão; (2) O ingrediente

mais importante no crescimento da Igreja: uma atitude positiva e saudável, baseada na esperança e na fé em Deus, é o ingrediente humano número um no crescimento da Igreja e a diferença principal entre as Igrejas que crescem e as que estagnaram ou decrescem com o tempo; (3) O evangelista mais eficaz do mundo: apesar de termos na Igreja evangelistas famosos em todo o mundo, o mais eficaz de todos sou eu e é cada um de nós que se disponibiliza para servir ao Senhor, através do ministério da amizade e do relacionamento com os familiares e amigos; (4) O ingrediente em falta na maioria das igrejas: trata-se do entusiasmo. Os membros das igrejas que crescem estão entusiasmados com Deus, com a Igreja e com a perspectiva de partilhar a sua fé com os outros.

Ella Simmons, vice-presidente da Conferência Geral, que esteve



Ella Simmons

em Portugal nas Assembleias de 2012, apresentou uma importante palestra com o tema “O Poder da Unidade para a Fé, a Missão e o Ministério”. O Pr. Mário Brito dirigiu uma das três Comissões Especiais e apresentou um *workshop* com o tema “Trabalho de Equipa e Discipulado”. Outros convidados que enriqueceram o programa foram o Pr. Bruno Vertalier, presidente da Divisão, o Pr. Gabriel Maurer, secretário executivo da Divisão, o Pr. Paolo Benini, o Pr. Corrado Cozzi, Ingrid Naumann, Denise Hochstrasser, Stephan Sigg, Elsa Cozzi,

Barna Magyarosi, Liviu Olteanu, Arnold Zwahlen, Valérie Dufour e László Szabó.



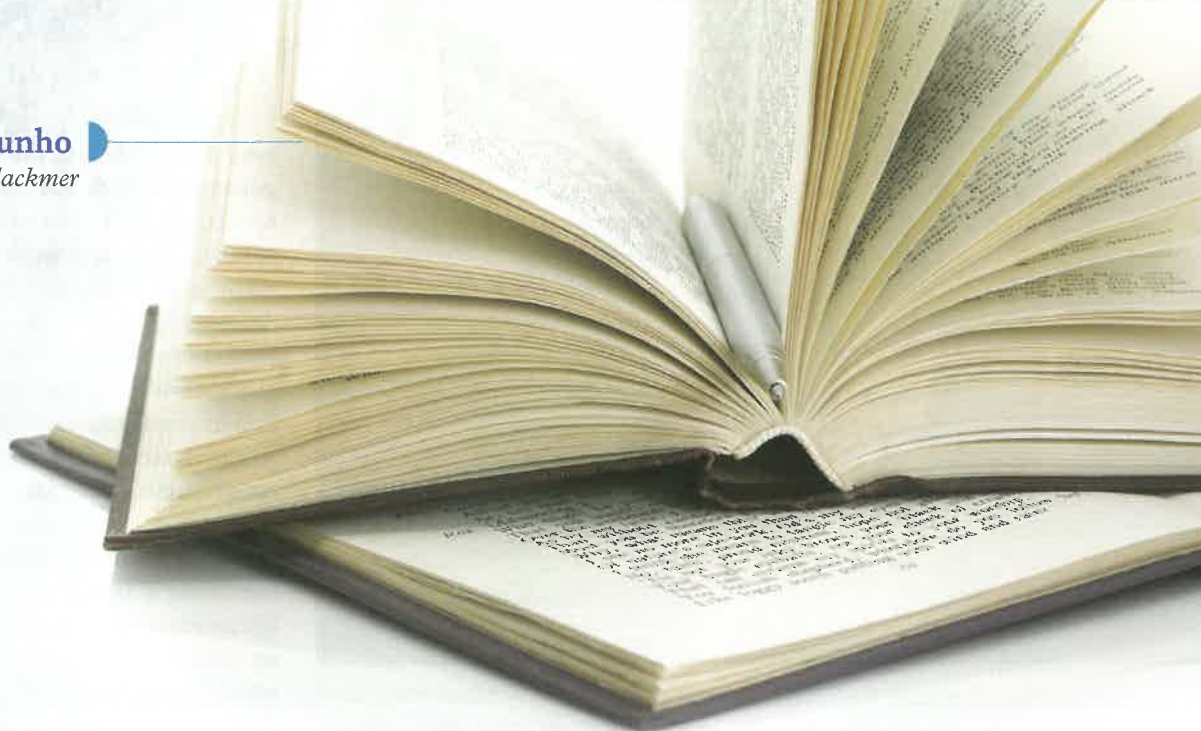
Relatório da União Portuguesa apresentado pelo Presidente, o Pr. António Rodrigues.

Cada União apresentou um relatório com o resumo do trabalho missionário no seu território, mencionando os projetos e as atividades realizadas, tendo o relatório da União Portuguesa sido apresentado pelo Presidente, o Pr. António Rodrigues.

Foi, também, projetado um vídeo apresentando as atividades de evangelismo no território da Divisão Inter-Europeia e os diversos projetos missionários realizados. Este vídeo foi produzido em Portugal, pela *DigitalWay*, revelando-se um trabalho de excelente qualidade, reconhecido e elogiado pelos presentes.

Como conclusão, podemos dizer que esta convenção foi uma experiência marcante, pelos profundos ensinamentos espirituais recebidos, pela amizade cimentada entre os participantes, pela oportunidade de debater e propor soluções e de viver e sentir a Igreja por dentro, pela consagração e entrega à missão, tendo todos os que participaram ganho a consciência de que as nossas limitações humanas são suplantadas pelo Poder Infinito do Todo-Poderoso, que responde às nossas orações. ✨

• **António Moreira**
Delegado à Convenção



Dois livros, um simples pedido e uma *vida transformada!*

Enquanto jovem sacerdote a servir em Portugal, em meados da década de 1930, Ernesto Ferreira antecipava que o seu futuro seria preenchido pelo empenho de toda uma vida ao serviço da sua Igreja e dos seus paroquianos. Ele não podia saber que, dentro de poucos anos, um simples pedido de um membro da sua congregação e a leitura do que eram, para ele, dois livros desconhecidos alterariam dramaticamente o seu percurso de vida e a voltariam de pernas para o ar.

Nascido a 14 de abril de 1913, na Ericeira, Portugal, na família de Julião e Palmira Ferreira, Ernesto Ferreira foi, desde muito novo, exposto à fé dos seus pais. Estes educaram-no para amar a Deus, ser bondoso e útil aos outros e abraçar elevados valores morais. O casal Ferreira notou no seu jovem filho uma forte entrega aos assuntos espirituais, pelo que, aos dez

*Ele não podia saber que a leitura de dois livros desconhecidos **alteraria** dramaticamente o seu **percurso de vida**.*

anos, Ernesto Ferreira foi enviado para uma escola e, mais tarde, para um mosteiro em Espanha. Ele passou doze anos nestas instituições, preparando-se para o sacerdócio. Em 1935, com vinte e dois anos, foi ordenado sacerdote. No entanto, apenas três anos depois, aconteceu algo que mudou a sua vida.

Uma mudança no percurso

Um dia, uma paroquiana aproximou-se de Ernesto Ferreira e entregou-lhe dois livros que não tinham o *imprimatur* (uma declaração oficial da Igreja Católica

autorizando a publicação de um livro). Tratava-se de *O Conflito dos Séculos*, de Ellen White, e de *A Nossa Época e o Destino do Mundo*, de W. A. Spicer. A paroquiana tinha-os adquirido de um Colportor, e queria a permissão do seu Padre para os ler. “Eu preciso de os ler antes de poder dar-lhe a minha opinião”, disse-lhe Ernesto Ferreira. À medida que lia atentamente as páginas dos dois livros, ficou intrigado e perplexo com alguns dos seus conceitos. Tendo notado que ambos os livros tinham sido impressos pela Casa Publicadora



Adventista do Sétimo Dia em Portugal, contactou os seus responsáveis e perguntou-lhes se podiam pô-lo em contacto com alguém que pudesse explicar as “novas” doutrinas. Assim começou uma série de estudos bíblicos com Manuel Leal, um Pastor Adventista local, e com outros Pastores. Em 1939, Ernesto Ferreira foi batizado, integrando a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“Ernesto Ferreira já estava perturbado por algumas das crenças da sua Igreja há algum tempo, porque ele não via que existisse uma base bíblica para elas”, diz Odete Ferreira, nora de Ernesto Ferreira e diretora do serviço *Adventist Colleges Abroad*, na Divisão Norte-Americana. “Ao estudar a Bíblia com o Pastor Leal, ele convenceu-se de que as doutrinas que o Pastor lhe estava a ensinar eram verdadeiras, mas não foi fácil para Ernesto Ferreira deixar a sua Igreja e as pessoas que ele amava... Ele manteve fortes laços de amizade com muitas dessas pessoas ao longo da sua vida”, diz Odete.

É ele um espião?

Embora a maioria dos Adventistas tivesse acolhido Ernesto Ferreira com os braços abertos, houve

alguns que ficaram desconfiados por causa dos seus antecedentes. “Talvez ele seja um espião!”, disseram alguns. A preocupação com os motivos que tinham levado Ernesto Ferreira a juntar-se aos Adventistas cresceu, resultando daí o facto de ele não receber salário durante o seu primeiro ano de trabalho a tempo inteiro para a Igreja. “Ele não tinha dinheiro nem para cortar o cabelo”, diz Odete. Após esse período, porém, as atitudes mudaram. Os líderes da Igreja em Portugal ofereceram a Ernesto Ferreira o cargo de professor de Teologia no Seminário Adventista em Portalegre, cargo que aceitou. Quatro anos mais tarde, em 1945, foi promovido a diretor da instituição. Em 1949, viajou para os Estados Unidos, para aí passar um ano a estudar no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, no *campus* do *Emmanuel Missionary College* (hoje, Universidade Andrews), e voltou para Portugal para servir como presidente da União Portuguesa.

O sonho de uma vida realizado

Desde a sua juventude que Ernesto Ferreira ansiava servir como missionário em África, pelo que, quando, em 1958, veio o chamado

para ser presidente da União Angolana, no Sul de África, agarrou a oportunidade com as duas mãos. A juntar às suas funções administrativas e evangelísticas ao longo de mais de dez anos em Angola, Ernesto Ferreira foi o instrumento que esteve na origem da abertura de numerosas escolas Adventistas. A sua forte ênfase na promoção da educação Adventista continuou ao longo de toda a sua carreira. O Departamento de Educação da Conferência Geral reconheceu publicamente a sua contribuição, ao atribuir a Ernesto Ferreira a Medalha de Distinção, em 1997. Este é o prémio mais elevado que o Departamento de Educação da Conferência Geral confere “a um número selecionado de educadores Adventistas verdadeiramente excepcionais, merecedores de reconhecimento inter-Divisional”. “Ernesto Ferreira foi um pioneiro respeitado na educação Adventista em Portugal”, refere Humberto M. Rasi, diretor do Departamento de Educação da Conferência Geral na época em que o prémio foi atribuído. “As suas longas décadas de serviço fiel e os seus interesses académicos serviram como modelo e influenciaram a vida de muitos dos líderes denominacionais e dos membros, na sua pátria e para além dela. O Departamento de Educação ficou honrado em premiar o Dr. Ferreira com a Medalha de Distinção pelas suas extraordinárias realizações e pelo seu impacto duradouro.”

A influência de Ernesto Ferreira também mudou a vida dos próprios membros da sua família; incluindo a vida de Odete, que atribui à influência do seu sogro uma boa parte do seu compromisso de toda uma vida com a educação Adventista. “Quando tinha apenas nove anos, ouvi Ernesto Ferreira falar a um grupo de estudantes sobre o papel importante da edu-

cação Adventista”, explica Odete. “Ele fez então um apelo para que viessem à frente os estudantes que se comprometessem a trabalhar em favor da educação Adventista de algum modo, consagrando-lhe alguns anos da sua carreira. Embora tivesse apenas nove anos, também fui à frente. Naquele dia, criou raiz no meu coração a convicção de que iria trabalhar como professora na educação Adventista – e é isso que tenho feito.”

Um filho recorda-se

O filho de Ernesto Ferreira (o marido de Odete), Teófilo Ferreira, presentemente reformado após quarenta e três anos ao serviço da Igreja Adventista, recorda o seu pai como tendo sido um pai muito amoroso e carinhoso. Ainda criança, durante a Segunda Guerra Mundial, Teófilo recorda-se vividamente de o seu pai lhe ter dado, um dia, uma maçã – “a única maçã que ele tinha conseguido encontrar durante muitos dias”, diz Teófilo. “Ele também gostava

de dinheiro precioso para adquirir livros infantis Adventistas, e lia-me histórias desses livros todas as sextas-feiras à noite.”

Teófilo atribui ao seu pai o encorajamento para que continuasse os seus estudos académicos – se o seu propósito em obter educação adicional fosse servir melhor o Senhor – e atribui-lhe também a responsabilidade de ter alargado a sua compreensão de outras culturas, como resultado da família ter vivido e trabalhado em vários campos estrangeiros. “Ele ensinou-me a amar todas as pessoas, fosse qual fosse a sua religião ou tendência de pensamento”, Teófilo acrescenta. “Ele ensinou-me a amar o Senhor.” Teófilo Ferreira também trabalhou em várias áreas durante os seus anos ao serviço da Igreja. Ele foi Pastor, professor e editor em Lisboa, Portugal; foi presidente do Campo de Israel; foi professor de Antigo Testamento, Hebreu e Arqueologia em Collonges, França; foi professor de Velho Testamento e Hebreu na Facul-

dade de Sagunto, Espanha; e tradutor da Bíblia para a Sociedade Bíblica Portuguesa. A sua função mais recente foi como diretor-associado do *Ellen White Estate*, em Silver Spring, Maryland.

Dedicação sem falhas

Ernesto Ferreira serviu a Igreja Adventista e o seu povo de modo fiel durante o resto da sua vida: mais duas vezes como presidente da Igreja em Portugal; como deão do Departamento de Teologia da Faculdade de Teologia de Sagunto, Espanha; e em várias funções para a Casa Publicadora portuguesa. Depois da sua reforma, em 1980, continuou a sua estreita associação com o trabalho de publicações. Ernesto Ferreira foi autor de vários livros e inúmeros artigos, muitos dos quais para uso prático dos Pastores locais e dos membros de Igreja, sobre tópicos tais como a educação das crianças, a educação em geral e os métodos melhorados de agricultura para as missões. “Ele queria instruir e educar os outros tanto quanto lhe fosse possível”, nota Odete. Ernesto Ferreira publicou o seu livro *Arautos de Boas-Novas* (sobre a história da Igreja Adventista em Portugal) quando tinha noventa e oito anos. A sua última obra, *A Verdade Cristã*, foi publicada em abril de 2012, quando tinha noventa e nove anos. Neste livro, ele partilha, pela primeira vez, por escrito, a história da sua conversão. Ernesto Ferreira adormeceu em Jesus a 21 de novembro de 2012, aos noventa e nove anos. A sua esposa, Irene – que trabalhou ao lado do seu marido nos seus empreendimentos missionários –, faleceu antes dele, com setenta e quatro anos. O casal teve um filho, Teófilo, dois netos e três bisnetos. ■

• Sandra Blackmer



Como lidar com a Depressão

Sofro de depressão há 13 anos, estou cansada e sem esperança, já não aguento mais... o que me aconselha?

Compreendo a sua angústia e o seu sofrimento, mas não perca a esperança, ainda é possível inverter a sua situação. O primeiro passo é querer sair desse estado e parece-me que esse é o seu caso, o que é ótimo! De seguida, é necessário analisar a situação. Geralmente, a pessoa deprimida pensa que é uma “perdedora” e que sempre o será, que não merece viver. Tem uma baixa autoestima. Sente-se triste e solitária, porque pensa, erradamente, que é rejeitada. Muitas vezes, as interpretações da realidade não são necessariamente idênticas à própria realidade; grande parte das vezes baseiam-se em princípios cognitivos que podem ser inadequados.

De acordo com o modelo terapêutico de Beck (1982), há necessidade de reconhecer os pensamentos automáticos. Como se faz? Através de uma fórmula em que A é o antecedente (é o acontecimento ativador), em que B é o que pensamos e em que C é o conseqüente (resultado). O que acha que vai influenciar o resultado? O A ou o B? É o B, ou seja, o que se pensa da situação é que irá influenciar o resultado e não a

situação em si. Muitas vezes, o que interfere no resultado são os erros de pensamento.

O que são erros de pensamento? São pensamentos negativos e “automáticos” que se baseiam na fraca opinião que a pessoa tem de si. Não são razoáveis e não têm a mínima utilidade funcional, fazem com que nos sintamos mal e impedem-nos de alcançar o que se pretende. Se ponderar cuidadosamente, irá constatar que chegou a uma conclusão que não é verdadeira, apesar de, no momento, lhe parecer perfeitamente plausível. São exemplos disso: “Ninguém gosta de mim” ou “eu sou um falhanço total, nunca vou conseguir o que pretendo da vida”. Este tipo de pensamento é uma *hipergeneralização*. Faz uma afirmação geral e ampla que enfatiza os aspetos negativos. Em vez disso, pense nas pessoas à sua volta; de certeza que tem amigos. Não podemos agradecer a todos, nem mesmo Jesus agradeceu... Como filhos de Deus, temos a certeza de que Deus nos ama incondicionalmente.

“Tudo me corre mal...” é outro erro de pensamento, que consiste em se *exagerar* a situação, ver

determinados acontecimentos de uma forma extrema. Perante uma dificuldade, começa-se a pensar que tudo vai acabar num desastre, exageram-se os problemas e as possíveis consequências negativas que poderão surgir. Em vez disso, pense nos seus sucessos ao longo do tempo (e certamente não foram poucos), focalize um problema de cada vez e analise-o com alguém. O pensamento “Isso não conta...” faz uma *abstração seletiva*, isto é, apenas se lembra e se impressiona com os acontecimentos negativos e esquece ou ignora os positivos (empola o negativo e minimiza o positivo). Em vez disso, focalize as suas energias nas suas virtudes e, assim, irá sentir-se melhor e com força para continuar. Se já conseguiu superar tantos obstáculos, este será apenas mais um... O que fazer? Eliminar os pensamentos negativos e substituí-los pelos positivos.

Como é possível fazê-lo? Confrontando a situação, pergunte a si mesma: por que razão estou a pensar deste modo? Que razões tenho para agir assim? É isto que quero para a minha vida? Se sim, tudo bem; caso contrário, porque estou a insistir neste caminho que não me está a ajudar?

O que está a fazer é reestruturação cognitiva: mudança no pensar, sentir e agir – outro ponto fundamental para combater a depressão. Através da autoquestionação, pare e pense, reformule o pensamento e redirecione o seu comportamento. Corte e desautomatize o pensamento negativo e circular (que só destrói), não o alimente mais e mude de estratégia, utilizando o modelo A B C. Substitua os pensamentos negativos por pensamentos racionais, lógicos e coerentes, que originam emoções moderadas e adaptativas e que ajudam a alcançar os objetivos.

A mudança é fundamental. Poderá iniciar este processo através do *Modelo de Prochaska* (2001), que é composto por diversas fases: *Pré-contemplação*, em que ainda não existe a noção do tipo de problemas que enfrenta e, por esse motivo, não surge a vontade de mudança. *Contemplação*, em que já reconhece o problema ou a situação e considera que a possibilidade de mudança é possível. É aconselhável não demorar muito tempo nesta fase (o máximo 6 meses), pois, caso contrário, a pessoa ficará num impasse. É necessário passar rapidamente ao passo seguinte, a *Preparação*, em que a pessoa decide mudar e faz planos para concretizar as mudanças, definindo algumas estratégias e um plano de ação. Segue-se a *Ação*, em que se dá a alteração do comportamento. Envolve compromisso, tempo e muita vontade. Nesta fase, os resultados são visíveis e reconhecidos, pois é notória a alteração de comportamentos. Deverá ser feita a *Manutenção*, que é a consolidação dos ganhos conquistados, e, por último, a *Conclusão*, que é a constatação de que o processo de mudança foi concluído com sucesso e sem recaídas. Caso surja alguma dificuldade, já existem mecanismos internos e estratégias para reformular rapidamente o pensamento e a ação.

Há que estabelecer metas e objetivos claros, mas realistas. É fundamental resistir à ideia de andar à deriva. Faça planos e, através de uma autodescoberta e de uma busca construtiva, descubra as potencialidades que tem dentro de si. Faça da sua vida um projeto pessoal com novas atividades e... não deixe de gostar de si; coloque uns “óculos” diferentes para ver a vida e não se menospreze!

Este processo de mudança é possível. A prova disso foi o grupo de

pacientes do 1º Seminário de Depressão, que decorreu de 17 a 26 de março de 2013, nas instalações da Associação Portuguesa de Medicina Preventiva, na Serra de S^{ta} Maria, no Espinhal (Penela). Através de um plano de trabalho que englobou exercício físico, componente espiritual, médica, psicológica (terapia de grupo e aconselhamento), hidroterapia, massagem, caminhada e terapia ocupacional, os pacientes conseguiram encarar a sua situação de um modo positivo, tiveram outra visão de si e, com estas mesmas estratégias, foi possível todos começarem o processo de mudança na sua vida.

Foi um verdadeiro recomeço (*NEW START*)! Através do exercício físico de contraste durante 30 minutos, logo pelas 6h30m, e, de tarde, das caminhadas no meio dos pinheiros, respirando ar puro; através da nutrição adequada e temperante; através dos banhos de contraste e do repouso; através das mensagens espirituais baseadas nas promessas de Deus, destinadas a trazerem encorajamento no meio de obstáculos, foi possível a cada participante encetar um novo começo, de um modo mais saudável e estável.

Não desanime, poderá também iniciar o seu processo de mudança. Coragem! Opte pelo pensamento positivo e faça, já hoje, o seu plano de ação. Não se esqueça de confrontar e reformular o seu pensamento: afinal o que pretende para si? Quem comanda a sua vida é a sua vontade e o seu querer! Com a ajuda de Deus, vai conseguir! ✨

• Isabel Lacerda
Mestre em Psicologia

BIBLIOGRAFIA

- Beck, A., Rush, A., Shaw, B., Emery, G. (1982). *Terapia Cognitiva da Depressão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Prochaska, J. & Norcross, J. (2001). “Stages of change.” *Psychotherapy*, 38, pp. 443-448.

O Juízo pré-Advento

Os Adventistas do Sétimo Dia costumam falar acerca de um Juízo pré-Advento (alguns preferem chamar-lhe “Juízo Investigativo”) que está a ter lugar, presentemente, no Santuário Celestial. Este juízo, tal como nós o compreendemos, representa a segunda e última fase do ministério sacerdotal de Cristo em nosso favor. Ele inclui o exame da vida de cada indivíduo que faz parte do professo povo de Deus, tanto dos que estão mortos como dos vivos.

A reação dos teólogos não Adventistas a este ensino tem sido quase totalmente negativa. Alguns veem-no como um modo de salvarmos a face, explicando o falhanço de 1844. Outros veem-no como um ensino hostil à doutrina da justificação pela fé e à segurança da salvação. Estão eles corretos? Quão sólido é o nosso ensino sobre o Juízo pré-Advento?

A ideia de Juízo no Novo Testamento

A noção de Juízo permeia o Novo Testamento. Eis algumas passagens retiradas de um conjunto abundante de passagens da Bíblia sobre este tema. Em Romanos 2:5 e 6, Paulo avisa aqueles que, por causa da sua “dureza” e do seu coração “impenitente”, estão a armazenar para si mesmos “ira no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus, O qual recompensará cada um segundo as suas obras”. O livro de Hebreus diz: “Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido

o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectativa do juízo [...]. Porque bem conhecemos Aquele que disse: Minha é a vingança, Eu darei a recompensa, diz o Senhor. E, também: O Senhor julgará o Seu povo” (Hebreus 10:26 e 27, 30). E Pedro diz: “Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao Evangelho de Deus?” (I Pedro 4:17).

Pense nos incontáveis homens, mulheres e crianças levados das suas famílias pela calada da noite por assassinos cruéis e de quem nunca mais se ouviu falar. Pense nos odiosos crimes cometidos diariamente contra crianças inocentes e outras pessoas desvalidas da sociedade. Não deverá haver um ajuste de contas? Devem os ímpios descrentes presentes no mundo ir em liberdade, rindo-se na cara da decência e da moralidade?

Aquilo que as passagens acima citadas sugerem é que nós vivemos num Universo moral e cada pessoa racional deverá prestar contas de si mesma diante do Tribunal divino. De facto, mesmo o senso elementar de justiça humana, independentemente do que dizem as Escrituras, clama pela existência de um julgamento. A justificação pela fé e a segurança da salvação são, de facto, ensinamentos fundamentais do Novo Testamento. Mas o Juízo também o é.

Os argumentos a favor de um Juízo pré-Advento

Em Daniel 12:1 ouvimos falar de um tempo final de crise, do qual apenas aqueles que “se acharem escritos no livro” serão salvos. E, na afirmação crucial de Jesus sobre o fim, em Mateus 24, aprendemos que, na altura da Segunda Vinda, um sonoro chamado de trombeta irá reunir os “escolhidos desde os quatro ventos” (v. 31). O contexto destas duas passagens implica claramente a existência de uma determinação prévia do estado espiritual dos indivíduos envolvidos.

Em Apocalipse 16, as sete últimas pragas, como mísseis teleguiados, perseguem apenas aqueles que têm “a marca da besta”. É óbvio que teve que haver uma avaliação prévia, de modo a afixar legalmente a marca nuns e não noutros.

Em Daniel 7, o profeta observa em visão as atividades maléficas da “ponta pequena” na Terra e vê, simultaneamente, uma cena de Juízo no Céu. O escritor faz alternar as cenas que se passam no Céu e na Terra, até que a notória “ponta pequena” é destruída e o Juízo é proferido em favor dos santos (Dan. 7:22). Numa dissertação de 1979, o académico australiano Arthur Ferch demonstrou, com sucesso, que estas duas atividades se realizam no tempo histórico e que, portanto, o Juízo de Daniel 7 ocorre antes do Advento – por outras palavras, é um Juízo pré-Advento.¹

Não é sábio argumentar-se, como fazem alguns, que dado que Deus co-



O ministério de Cristo no Santuário Celeste

nhece tudo, um Juízo pré-Advento é desnecessário. Uma tal abordagem da questão, quando levada à sua conclusão lógica, repudia toda a noção bíblica do Juízo – e não simplesmente a ideia de um Juízo pré-Advento. Existem inteligências para além do nosso Planeta. Seres criados que, para o Universo ser mantido em segurança, devem ficar satisfeitos com a integridade do processo divino pelo qual algumas pessoas são salvas e outras se perdem.

Portanto, o Juízo pré-Advento diz respeito a muito mais do que apenas ao nosso estado espiritual diante de Deus, um aspeto que se torna evidente ao considerarmos Daniel 7. Neste capítulo, a “ponta pequena” é, claramente, um alvo importante do Juízo, o que imediatamente dá a esta atividade pré-Advento um enquadramento amplo.

Uma perspetiva mais ampla

Apocalipse 12 e 13 desmascaram o poder por detrás da besta (que corresponde à “ponta pequena” de Daniel 7), retratando esse poder como um dragão, “a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo” (Apoc. 12:7-9; Apoc. 13:1-3). Através dos seus operacionais, este génio maligno profere blasfémias contra Deus, contra o nome de Deus, contra o Santuário de Deus e contra os habitantes do Céu (Apoc. 13:6). Por outras palavras, o próprio Deus está a ser acusado!

Este Juízo pré-Advento separa os verdadeiros santos de Deus das multidões que falsamente fazem uso do Seu nome. Neste procedimento solene, “livros” são abertos, sugerindo a ideia de avaliação, de escrutínio – de investigação. Foi este aspeto de avaliação/investigação do Juízo pré-Advento que impressionou particularmente os pioneiros Adventistas, lembrando-os do afligir da alma durante o antigo Dia da Expição (veja Lev. 23:26-32). Mas o alcan-

Há um Santuário no Céu, o verdadeiro Tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele, Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios do Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo-Sacerdote e começou o Seu ministério intercessório por ocasião da Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa do Seu ministério expiatório. É uma obra de Juízo Investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo o pecado, prefigurada pela purificação do antigo Santuário hebraico, no Dia da Expição. Nesse serviço típico, o Santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O Juízo Investigativo revela aos seres celestiais quem de entre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, n'Ele, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, de entre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, n'Ele, preparado para a transladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus. Declara que os que permanecem leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do Segundo Advento. (Heb. 8:1-5; 4:14-16; 9:11-28; 10:19-22; 1:3; 2:16 e 17; Dan. 7:9-27; 8:13 e 14; 9:24-27; Núm. 14:34; Eze. 4:6; Lev. 16; Apoc. 14:6 e 7; 20:12; 14:12; 22:12.)

Os Adventistas do Sétimo Dia Creem, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1989, p. 268.

ce deste Juízo é mais vasto do que eles perceberam. A sua preocupação mais ampla é a vindicação – vindicação de Deus, do Santuário de Deus, do nome de Deus, do povo de Deus.

O sentido pleno de tudo isto está muito para além de nós, claro está. Podemos, contudo, afirmar com certeza que o foco é o Santuário Celestial – a sede da Lei e do governo de Deus, o centro nervoso do processo de salvação da Humanidade. Da sua vindicação depende a segurança do Universo. Daí o extraordinário significado teológico daquela afirmação críptica em Daniel 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o Santuário será purificado.”

O Juízo que está presentemente em sessão irá resolver a questão sobre o amor e a justiça de Deus, antes do Segundo Advento. Irá confirmar a validade e a legalidade do Plano da Salvação. E trará no seu veredicto a vindicação final do povo de Deus.

Enquanto crentes em Jesus, vemos o Juízo pré-Advento de duas perspetivas. Por um lado, vendo-o como o antítipo do antigo Dia da Expição em Israel, “afligimos a nossa alma”, ao percebermos o tempo solene em que vivemos. Por outro lado, no entanto, com a nossa fé firme em Jesus Cristo, o nosso grande Sumo-Sacerdote no Santuário Celeste, nada temos a temer. E compreendendo toda esta atividade a partir da perspetiva da vindicação, tal como está revelada nos livros de Daniel e de Apocalipse, não só nada temos a temer, como, de facto, temos a mais profunda razão para nos regozijarmos e nos alegrarmos!✠

• Roy Adams

Editor-Associado da Adventist World

1. Arthur Ferch, *The Son of Man in Daniel 7*, Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1979. Para um resumo das descobertas de Ferch, veja “The Pre-Advent Judgement”, *Adventist Review*, 30 de outubro de 1980, pp. 4-6.

Sonhar e realizar

O pequeno Otto, como quase todas as crianças, tinha um sonho: voar! É verdade que não era um sonho fácil de concretizar naquele tempo. Até ao século XIX, só se voava em balões de ar quente, mas o Otto sonhava poder voar como os pássaros, com a ajuda de asas. E dedicou toda a sua vida a procurar uma forma de o fazer! Já como Engenheiro, Otto Lilienthal, depois de observar e estudar atentamente o voo dos pássaros, escreveu um livro que deu os primeiros passos na investigação da aeronáutica. Em 1871, começou a desenhar planadores: os primeiros aparelhos, mais pesados do que o ar, que conseguiam manter-se e deslocar-se no ar. E, finalmente, em 1891, conseguiu planar pela primeira vez! Repetiu a façanha mais de duas mil

vezes e estabeleceu o seu recorde em 350m de distância em voo planado. Imagina a sua alegria, quando conseguiu realizar o sonho de ver o chão a partir do alto, sentindo o vento a bater-lhe na cara!

Mas nem sempre as coisas correm bem. Em 1896, este inventor alemão caiu de uma altura de 17m e morreu por causa dos ferimentos. Mesmo assim, disse: "É necessário que haja sacrifícios..." Hoje, ele é conhecido e respeitado por ter sido o "pai dos planadores". Quando vires uma asa-delta, lembra-te do sonho e do esforço do pequeno Otto.

Qual é o teu maior sonho? É bom ter sonhos e desejar alcançá-los, principalmente se trouxerem algo de bom, para ti e para os outros.



Olá, Amiguinho!

Aqui tens sugestões para a tua agenda. Completa-a com as tuas ideias.

jun 2013 Agenda

domingo	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira	sábado
26	27	28	29	30	31	1 Marcos 1:35 DIA MUNDIAL DA CRIANÇA
Provérbios 8:17	I Tessalonicenses 4:17	Hebreus 12:14	Isaias 2:3	Apocalipse 5:12	David (Salmos 3-8, 32; Romanos 4:6-8) <i>Revê a lição da Escola Sabatina.</i>	Lamentações 3:25 Memoriza um versículo bíblico em Inglês.
2	3	4	5	6	7	8
Salmo 107:9	Filipenses 2:13	Provérbios 16:6	Isaias 9:6	Deuteronómio 7:8	Asaf (Salmos 73-77) <i>Ora pelas crianças que não têm comida.</i>	Apocalipse 4:8 <i>Desenha uma parábola da Bíblia.</i>
9	10	11	12	13	14	15
Salmo 38:9	Salmo 77:11	Salmo 8:9	Génesis 12:2	Job 28:28	Finéas (Salmo 106; Josué 22:10-34) <i>Diz à tua família que a amas.</i>	Atos 14:22 Escreve o teu versículo favorito da Bíblia.
16	17	18	19	20	21	22
João 15:5	I Crónicas 28:9	Salmo 31:3	Salmo 119:10	Salmo 50:3	Salomão (Provérbios 2-4)	Atos 4:31 <i>Ora pelos missionários Adventistas.</i>
23	24	25	26	27	28	29
Hebreus 3:4		<i>Prepara um lanche especial para alguém que amas.</i>		<i>Alimenta um animal abandonado.</i>		

Vamos ler, todas as semanas, a história de um personagem da Bíblia que conhecemos ou de que ainda não sabemos nada falar. Podemos pedir ajuda aos teus pais ou aos teus amigos mais velhos, para lerem este texto contigo e aprenderem mais sobre estas pessoas. Boa leitura!

Fé em vez de sentimento

Ele simplesmente estava pendurado na cruz, coberto de sangue e respirando de modo ofegante. Embora esta expressão seja frequentemente usada como hipérbole, neste caso o peso – e, também, a esperança – do mundo estava, literalmente, sobre os Seus ombros. Durante as últimas 24 horas, uma audiência universal de anjos, demónios e seres não caídos tinha tido a sua atenção fixada no planeta Terra. Eles observaram, enquanto gotas de sangue corriam pela Sua face e Ele era condenado por um tribunal ilegal. Com os seus próprios olhos, viram as Suas costas curvadas sob o símbolo de humilhação por excelência, antes de ser pregado nele como um criminoso comum.

Após 4000 anos vendo “por um espelho, em enigma”, eles estavam face a face com a verdade, que se tornara subitamente clara: Jesus era amor, justiça, misericórdia e verdade.

Satanás não o era.

Naquela tarde escura, o Universo foi iluminado com a claridade da luz. Mas dentro do coração, da mente e da alma do Salvador, forças malignas procuravam envolvê-lo em dúvida. Como bem sabemos, quando a nossa vida está no seu ponto mais baixo, Satanás trabalha ao máximo, saltando como um predador sobre um animal ferido que se afastou da segurança da manada. Ellen White esclarece-nos sobre os ataques desapiedados de Satanás contra o Filho de Deus: “O Salvador não podia ver para além

dos portais do sepulcro.... Temia que o pecado fosse tão ofensivo a Deus, que a Sua separação tivesse de ser eterna” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, 2010, p. 642). Sem dúvida que anjos celestiais, que finalmente tinham compreendido toda a amplitude do Grande Conflito, queriam saltar do Céu e levar Jesus de volta ao trono que era Seu por direito.

Mas este sacrifício tinha que ser feito e Ele tinha que o enfrentar só. Durante seis horas, uma guerra aconteceu no interior de Jesus. Mas, mesmo assim, Ele permaneceu manso e calmo, nem uma só vez censurando aqueles que eram verdadeiramente culpados. Quando o peso do pecado se tornou grande de mais, Jesus curvou a Sua frente e deixou o mundo do mesmo modo que tinha chegado a ele: humilde e inocente. A Sua última vitória provê o exemplo perfeito de confiança, convicção e coragem. Ellen White escreve: “Durante aquelas horas pavorosas, apoiara-Se nas provas que anteriormente Lhe haviam sido dadas quanto à aceitação do Seu Pai. E à medida que submissamente Se confiava a Deus, o sentimento da perda do favor do Pai desvanecia-se. Pela fé, Cristo foi vitorioso” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, P. SerVir, 2010, p. 645).

Fé como a de Jesus

Se você é um pouco semelhante a mim, corre para as suas promessas bíblicas favoritas quando os tempos se tornam difíceis. Face a

face com a adversidade, a incerteza e a dúvida, as promessas das Escrituras são um lembrete constante de que Deus é fiel e tem em mente os nossos reais interesses. Uma das minhas promessas favoritas, e talvez também uma das suas, é Provérbios 3:5 e 6.

Vejamos brevemente o versículo 5: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.” Na minha experiência pessoal parece que nós tendemos a focalizar-nos na primeira metade do versículo, a parte sobre confiarmos em Deus. Se alguma vez partilhou algo com um amigo durante um período difícil da sua vida, certamente já ouviu a seguinte afirmação dirigida a si: “Tu tens apenas que confiar em Deus.” É verdade que a confiança e a fé são o ponto de partida do qual devemos começar quando enfrentamos provações. No entanto, sem detalhes adicionais, um pedido para se confiar em Deus pode soar ambíguo, *cliché* e vazio. É aqui que entra a parte sobre não nos estibarmos no nosso próprio entendimento.

Na Sua experiência na cruz, Jesus forneceu-nos o modelo perfeito. Apesar das Suas circunstâncias terríveis e da Sua completa separação de Deus, Jesus não dependeu de um sentimento vindo do Seu interior. Em vez disso, Ele focou-Se no caráter justo, misericordioso e amoroso do Seu Pai. Como crentes que vivem no tempo do fim, somos chamados a ter uma perseverança semelhante nos momentos de dificuldade (veja Apoc. 14:12). Siga o exemplo de Jesus: Não fique prisioneiro de sentimentos; tenha fé em Quem você conhece. Ele vê o fim desde o princípio! Na maioria das vezes, nós mal conseguimos ver seja o que for. ✨

• Jimmy Phillips

Novidade!

Histórias Bíblicas em Pop-up

5
VOLUMES



Agora,
aprender
histórias
bíblicas
vai ser
ainda
mais
divertido!

